

# FEBRA PSI

FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE PSICANÁLISE

[67]



A escuta psicanalítica  
como abrigo e a tragédia  
no Rio Grande do Sul

Humanismo e ações afirmativas  
nas Sociedades de Psicanálise -  
a inclusão como pauta

Existe diálogo entre  
psicanálise e psiquiatria?

Espírito federativo e  
congresso de psicanálise

Ser psicanalista – o  
cuidado com a formação



Caros colegas, o início de uma nova gestão costuma ser um período intenso, tanto no que se refere ao volume de trabalho quanto no que diz respeito aos sentimentos envolvidos. Terminado o 29º Congresso Brasileiro, realizado em Campinas – um encontro exitoso, denso cientificamente e caloroso afetivamente –, assumimos com a clareza de estarmos recebendo uma Febrapsi fortalecida e mais próxima das Federadas. Dar sequência ao trabalho que foi realizado entre 2022 e 2023 é uma honra e, sem dúvida, uma grande responsabilidade.

Nesse sentido, considero importante destacar que a diretoria atual conta com uma mescla de colegas que, como eu, estiveram presentes na gestão anterior e de novos membros. Ambos – experiência e renovação – me parecem fundamentais para o bom andamento dos trabalhos de uma diretoria.

Iniciamos a atual gestão em um encontro com o Conselho Científico, no qual conversamos a respeito do tema para o 30º Congresso Brasileiro, que foi definido a partir das ressonâncias de um texto de Freud, publicado em 1925, *Algumas consequências psíquicas na diferença anatômica entre os sexos*. O Conselho decidiu, de forma livre e democrática, com ampla participação dos colegas presentes, pelo tema “Sexualidade: o tumulto das diferenças”. Particularmente, penso ser um título que nos permitirá pensar sobre vários aspectos da clínica contemporânea, da teoria e da história da psicanálise, bem como dialogar com outras disciplinas/ciências, expandindo possibilidades e fazendo do nosso Congresso uma ocasião convidativa, tanto para os colegas quanto para os estudantes e profissionais de áreas próximas.

Seguimos em direção ao Sul para conhecer os locais que poderiam vir a sediar o Congresso. Antes de prosseguir, não posso deixar de mencionar que escrevo no período em que o Sul vive uma das piores tragédias que já assistimos no Brasil. É terrível saber das gravíssimas situações que o Estado está enfrentando e a preocupação com os amigos tem sido uma constante. Por outro lado, testemunhar a organização espontânea de redes de apoio e solidariedade formadas por (ou que contam com a participação de) colegas tem sido alentador. A Febrapsi seguirá disponível para colaborar com iniciativas como as que estão em curso.

Após a viagem, e tendo ouvido tanto as Federadas locais e os membros da diretoria, quanto colegas de outras Federadas, definimos que o Congresso de 2025 acontecerá em Gramado, entre 22 e 25 de outubro, e será sediado em dois hotéis próximos. O lançamento oficial está sendo preparado nesse momento e maiores informações estarão disponíveis em breve.

Em meio a essas decisões, estabelecemos com os colegas africanos e portugueses o local e as datas do próximo Congresso de Psicanálise de Língua Portuguesa e estivemos reunidos com a Assembleia de Delegados para a votação dos aportes financeiros para projetos de inclusão racial, uma ocasião muito importante para a história das nossas instituições e para o futuro da psicanálise no Brasil.

A Diretoria de Publicações, liderada por Silvana Torres, também esteve trabalhando intensamente nesse primeiro semestre. Na presente edição do Febrapsi Notícias, que novamente contou com os trabalhos de Helena Daltro Pontual, temos textos sobre ações afirmativas, textos teóricos que foram apresentados em jornadas preparatórias, psicanálise e pesquisa científica, a contribuição dos membros filiados... a lista é longa e interessante.

Desejo a você uma boa leitura e aproveite a oportunidade para enviar um abraço solidário aos amigos e amigas gaúchos em nome de toda a diretoria.

**Luiz Celso Toledo**

Presidente da Febrapsi,  
membro da Sociedade  
Brasileira de Psicanálise  
de Ribeirão Preto (SBPRP)



Ao preparar este editorial, fui interrompida por uma enxurrada de notícias sobre as enchentes no Rio Grande do Sul. A situação de crise e a necessidade de ajuda às vítimas mobilizaram não apenas os noticiários, mas também colegas psicanalistas que se uniram para oferecer atendimento às pessoas afetadas. Essa mobilização me fez refletir sobre o papel da psicanálise fora dos consultórios e como podemos contribuir em momentos de necessidade.

A reflexão sobre nosso papel diante das faltas e necessidades do mundo é intrínseca à nossa prática. Como nos posicionamos diante dessas situações? É possível contribuir de alguma forma? Essas perguntas ecoam em um texto de Giuliana Chiapin, intitulado “A escuta psicanalítica como abrigo”. “Seguir no consultório ou ir para as ruas? Atender um ou auxiliar a multidão? Para que lado ir diante de tantas faltas e necessidades? Como, de fato, é possível contribuir? Qual nosso lugar em tudo isso? “Em meio a essas reflexões, somos confrontados com histórias que nos mostram a importância do nosso trabalho.

Nesta edição do *Febrapsi Notícias*, trazemos artigos e matérias que abordam temas relevantes para a psicanálise no Brasil. Destaco o texto de Giuliana Chiapin e Josiane Barbosa de Oliveira, que trazem notícias sobre avanços e iniciativas importantes. Além disso, temos a contribuição de Zelig Libermann, que compartilha sua perspectiva sobre o Congresso Brasileiro em Campinas. Hermerson Ari Mendes nos fala sobre o espírito institucional e a importância do compartilhamento e apoio entre as federadas.

Também temos a contribuição de Renata Arouca, do Conselho Profissional, que traz as últimas informações sobre a regulamentação e a valorização da psicanálise no Brasil. A atuação do conselho é de extrema importância para garantir a qualidade e ética do trabalho realizado pelos profissionais da psicanálise.

Não posso deixar de mencionar as histórias inspiradoras dos grupos de Uberaba e Marília, que demonstram o crescimento e a consolidação da psicanálise em novas regiões do país. Isso evidencia o impulsionamento da psicanálise no Brasil.

Além disso, nesta edição, temos a contribuição de Aline Sant’Anna, psiquiatra, que traça um histórico das interseções entre psicanálise e psiquiatria, e de Carlos de Almeida Vieira, que explora a criação da psicanálise por S. Freud e a técnica da “associação livre”. Maria de Lourdes Teodoro reflete sobre a importância do humanismo na psicanálise, enquanto Maristela Nunes Pinheiro discute as relações entre o Eu, o Isso e o Supereu

diante das demandas internas e externas.

Por fim, o programa Sankofa, da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto, compartilha a experiência enriquecedora das rodas de conversa como forma de compartilhamento de conhecimentos.

Desejo a todos uma ótima leitura e que este número do *Febrapsi Notícias* seja uma fonte de inspiração e fortalecimento para nossa comunidade.

Boa leitura!

**Silvana Torres**

Diretora de Publicações e  
Divulgação da Febrapsi

## DEPARTAMENTO DE PUBLICAÇÕES E DIVULGAÇÃO DA FEBRAPSI

DIRETORA: Silvana Marta S. Torres (SPRJ)

EDITORA EXECUTIVA DO FEBRAPSI NOTÍCIAS: Silvana Marta S. Torres (SPRJ)

EDITORA DO FEBRAPSI NOTÍCIAS: Helena Daltro Pontual (SBPSP e SPBsb)

COMISSÃO EDITORIAL: Cíntia Buschinelli (SBPSP), Helena Daltro Pontual (SBPSP e SPBsb) e Silvana Marta S. Torres (SPRJ)

JORNALISTA RESPONSÁVEL:

Helena Daltro Pontual (RP 866/1982)

DIAGRAMAÇÃO: Licurgo S. Botelho

CAPA: Imagem da Terra capturada da órbita da Lua pelo Orbitador de Reconhecimento Lunar (LRO) - Divulgação da NASA.

CONCEPÇÃO: Cíntia Buschinelli (SBPSP)

FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE PSICANÁLISE (FEBRAPSI)

Av. N. Sra. de Copacabana, 540, sala 704 – RJ – CEP: 22020-001

Tel: (21) 97168-0280 | e-mail: contato@febrapsi.org

[www.febrapsi.org](http://www.febrapsi.org)

Edição distribuída em formato digital

Tragédia no Rio Grande do Sul

# A escuta psicanalítica como abrigo

**N**a semana de seis a 12 de maio, que pareceu uma eternidade, a palavra ABRIGAR foi e tem sido uma constante na minha cabeça. Abrigar nunca fez tanto sentido nos mais diferentes sentidos. Abrigos abrem diariamente para receber os desabrigados, são dezenas de milhares. O desespero e o desamparo são expostos a céu aberto.

Por outro lado e ao mesmo tempo, quanto mais a água sobe, inunda e destrói, mais observamos uma correnteza de solidariedade de rápida ação, das mais diversas frentes e formas. É indescritível e incontável. Do proprietário do *jet ski* aos voluntários das cozinhas solidárias. Da criança que separa seus brinquedos para doar ao adulto que mobiliza sua rede para arrecadar colchões.

Seguir no consultório ou ir para as ruas? Atender um ou auxiliar a multidão? Para que lado ir diante de tantas faltas e necessidades? Como, de fato, é possível

contribuir? Pix, pessoalmente, arrecadando coisas, distribuindo coisas, acompanhando pessoas, produzindo material, atendendo nas redes de atendimento gratuito? Qual nosso lugar em tudo isso?

*Ao chegar no abrigo à noite, a primeira sensação foi: vou cancelar a agenda e vou ficar por aqui nos próximos dias, é urgência e emergência, agora é trabalho em massa, são muitas pessoas desabrigadas, são muitas pessoas sofrendo, são muitas demandas. Aos poucos, fui entendendo que para aquele monte de demandas havia também um monte de pessoas.*



**Giuliana Chiapin**

Membro do Instituto de Psicanálise da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre (SBPdePA)

A rede de solidariedade é impactante. Havia quem acolhia os desabrigados na entrada, quem separava os itens de higiene, quem organizava roupas e sapatos, quem arrumava as camas, quem abraçava e passeava com os cachorros, quem cuidava dos remédios, quem direcionava os banhos, quem recebia as doações, quem brincava com as crianças... Ah! quem brincava com as crianças!

Em meio ao caos, o canto das crianças era de esperança: jogos, massinhas, brinquedos, a alegria da sandália nova, a felicidade de vir mostrar as unhas recém-pintadas de azul com *glitter*, outras crianças para brincar. Por instantes, nesse canto, parecia que nada estava acontecendo lá fora, nem ali dentro ao lado: um ginásio cheio de colchões e

Reprodução Globo News



cadeiras e pessoas sentadas ou deitadas ainda tentando entender o que estava acontecendo. Algumas olhando para o além, outras nervosas, outras precisando de coisas, outras necessitando de atendimento médico, tantas outras com tantas outras demandas... Tudo havia sido perdido: a casa, o bairro, a comunidade, o pet. Para outros, a perda era tudo isso e ainda os entes queridos.

De identificação, uma fita crepe rasgada à mão, colada no peito com nossos nomes. No meu caso, uma outra abaixo escrita "psico", entregue pela adolescente dedicada da entrada. Rapidamente nos encontramos e nos uníamos como se fôssemos uma equipe que há anos trabalha junto. A necessidade tem pressa e a urgência dispensa apresentações. Havia um senso de parceria e apoio só pelo fato de estarmos ali. Um mágico senso de colaboração. A urgência exige seriedade e cuidado, mas não tem tempo para melindres. Ah! Se funcionássemos assim nas horas vagas como nas catástrofes...

Conversas leves de aproximação, escutas importantes, observações, avaliações de risco... De repente, uma aluna de psicologia vem para ao meu lado e diz: "eu não sei o que fazer! Aquele senhor me perguntou o que vai acontecer quando ele for para casa, mas ele me disse que não tem mais casa. Eu não sei o que dizer. O que a gente diz numa hora destas? O que que eu digo?" Os olhos tristes e assustados eram a denúncia da realidade. Nesse instante, fui tomada por uma interessante paz de compreensão da força do nosso trabalho. Eu queria poder

dizer muitas coisas para ela, mas só saiu: "só escuta, tua escuta já é muito e é a garantia do que ele pode ter agora."

Me vi nela há mais de 20 anos, sem entender muito bem como, afinal, esse negócio funciona, e, simultaneamente, me vi no presente com a certeza da potência da psicanálise. Esse "só" continha tanto. Essa garantia do que ele pode ter agora, nesse instante, era certeza.

Novo dia, consultório, a cada escuta, a cada sessão, ficava mais evidente que seria impossível cancelar a agenda. Seria impossível e injusto. Abrigos e as demais formas de auxílio serão encaixados em outros horários. No prédio alternava a energia elétrica e água já faltava no bairro. A rua lá embaixo era deserta. Os helicópteros (tão incomuns aqui) passando todo tempo, invadindo a sessão e lembrando a catástrofe. Som que trazia tensão e alívio. Mais um resgatado, era melhor pensar, em meio à escuta dos pacientes. Sensação muito estranha que remete aos textos dos precursores da psicanálise atendendo em tempos de guerra: Freud, Winnicott, Klein se faziam presente. Ao mesmo tempo que eu tentava entender o que estava sendo dito ali, no presente, entendia um pouco a sensação deles em Londres do passado.

Uma mistura de guerra, pandemia e algo inédito e ainda incompreensível. Abrigar. Por antes e por agora. Sessões preciosas (qual não é?! ) para desaguar aquilo que inunda. Estamos concretamente sofrendo por essa quantidade de água que não deságua, que transborda, invade, inunda, rompe, que nos

deixa ilhados, sem acesso e que, por vezes, mata. As causas são inúmeras e é urgente e necessário que se olhe para isso.

Psicanálise é trabalho oposto a isso. Escuta é abrigo. Este que estamos vivenciando aqui no Rio Grande do Sul. Gigante! Que é no encontro; que é humano, muito humano. Do desamparo à potência das possibilidades e recursos. Do (in)acessível aos caminhos. Que é criação. E que mesmo diante da dor, do sofrimento, das perdas e dificuldades, é vida, mesmo quando parece que resta tão pouco.

Psicanálise que é nas salas de análise e/ou onde as pessoas estão e precisam. Psicanálise que pode ser chão, teto, janelas e portas para o mundo lá fora, mesmo que isso seja difícil de explicar com palavras. Ironicamente, teto virou chão por aqui, nas telhas que muitos se sentaram até serem salvos.

*Entre tantas outras, uma imagem marcante foi a do cavalo que, com todo seu tamanho, teve a capacidade de se equilibrar na ponta de um telhado para sobreviver. Imagem que representa tanto, tanta gente, assim como remete àqueles que não conseguiram esse feito. Imagem que nos deixa atentos, refletindo como e por quanto tempo essa rede e os serviços aguentarão e como serão as próximas semanas tanto nos abrigos como fora deles, sabendo que esta "tormenta" será longa. Imagem que nos lembra tanta desigualdade e a diferença social que vivemos, onde uns são inundados de recursos e possibilidades e outros sobrevivem espremidos na miséria. Imagem que joga na cara o que nós humanos estamos fazendo com a natureza, e as consequências do que acontece com a gente quando a natureza, que somos nós, não está bem.*

Imagem que, para além desta situação, faz pensar na forma como muitos chegam aos nossos consultórios... e nas possibilidades de "resgates", seja o que isso significa para cada um... E numa perspectiva de planeta, imagem que me/nos exige perguntar: por quanto tempo teremos abrigo?



Reprodução Globo News

# Humanismo: o Alpha e o Ômega

*Escrever como um humanista é, pois,  
escrever humanamente, como um profano,  
mas estendê-lo a tudo que é humano.*

*Pierre Moreau,  
prefaciador de Montaigne*



**Maria de Lourdes Teodoro**

*Professora doutora, poeta e ensaísta  
Membro associado da Sociedade de  
Psicanálise de Brasília (SPBsb)*

Desde o nascimento, a fragilidade do nosso corpo nos deixa muitas vezes reféns de recursos nem sempre disponíveis. A carência se torna uma das fontes de sofrimento experimentado ao longo da vida. Uma outra forma pode vir do mundo externo, quando dirige contra nós toda sua força destrutiva. E, finalmente, nos diz Freud, em *O mal-estar na civilização*: uma outra fonte de sofrimento se origina em nossas relações humanas. “O sofrimento que vem dessa última fonte talvez nos seja mais penoso do que qualquer outro”, dirá ele. Dois exemplos dessa última fonte: o desamor materno por um bebê recém-nascido; e o sofrimento gerado nas relações sociais moldadas por nossas cores e fenótipos, conforme se pode reconhecer em algumas experiências clínicas.

Quando me interessei em compreender a identidade cultural brasileira, eu já havia tido uma vivência de análise pessoal, mas ainda não conhecia a psicanálise. Foi com esse desconhecimento que escrevi a primeira versão do ensaio “A intensidade do branco no espectro cromático” (Teodoro, 2000), aqui repensado. Nele, busquei compreender as causas de tanta desigualdade social e o porquê de nossa exclusão dessa brasilidade então fantasiada por mim como sendo mais humana do que de fato era. “A abordagem do outro não pode economizar o conhecimento de si mesmo.”

Lendo os cientistas sociais brancos, me surpreendi com a ausência de referências a países e culturas do continente africano, mas logo percebi que essa exclusão era coerente com o foco de suas principais preocupações, senão angústias: as populações indígenas e afro-brasileiras. Eles expressavam com frieza suas posições extremadas. Há em seus textos, mesmo quando encomendados e publicados pelo governo, um desejo claramente expresso de “solução final” para o que consideravam o maior problema do Brasil (Teodoro, 2000). Observei que as ideias do *Ensaio sobre as desigualdades das raças*

*humanas*, de J. A. de Gobineau, eram menos nefastas que a dos brasileiros. Isso porque Gobineau considerava uma educação de boa qualidade e um governo austero como capazes de nos conduzir a uma civilização digna, menos violenta, menos desigual.

*Os cientistas também deixavam ler em seus textos um indiscutível sentimento de inferioridade relativo à Europa. O complexo nomeado pelo teatrólogo Nelson Rodrigues, em 1950, talvez fizesse sofrer aqueles pobres autores brancos brasileiros. Tal sofrimento os levou a conceber o extermínio de partes da população brasileira como um meio para se atingir um ideal: a fantasiada semelhança com a Europa. Ou, quem sabe, lhes bastou a influência do nazismo na Alemanha? Ou a simples negação desse Outro, visto por Tarsila do Amaral e Anita Malfati como expressivo de uma inquietante estranheza: Malfati, O Japonês, Amaral, A Negra e Abaporu.*

O campo do *Das Unheimliche*, descrito por Freud, está nestas obras de forma inegável. Esse estranho familiar, esse imenso peito que amamentou por séculos tantas bocas famintas e que é transformado com rigor estético em um “ser” que não é senão lembrança de sua função utilitária. Já em um de seus autorretratos, Tarsila cita *A Negra*: uma mão boba, esquecida... A modo de dizer: “embora esteja em mim, é preciso negá-la”, perfeita e icônica ilustração da denegação. Ou lembrando J.A. Miller, um modo de “*jouissance*”.

Motivada pelo Congresso Universal de raças (Londres, 1911), a produção artística, literária (Lobato, 1926) e científica brasileira do início do século XX é fundante de valores antiéticos, pilar ideológico da estrutura e do sistema racistas no Brasil. Eleva-se ao extremo o narcisismo das grandes diferenças, para ocultar nossas profundas e humanas semelhanças e um fato histórico: quinhentos anos de ações afirmativas e privilégios para mulheres e homens brancos ecoam na extrema desigualdade social no Brasil de hoje e no silêncio, face ao anunciado genocídio (Nascimento, 1968) de afro-brasileiros e indígenas.

Assim como o produto de uma análise pessoal conduz à busca de resposta para “qual é tua parte nisto de que te queixas?” é possível que a mesma pergunta possa ser feita pelo grupo social branco e pelo afro-brasileiro: qual é nossa parte nisso de que nos queixamos?

Creio que humanizar a “branquitude” é mais proveitoso para todos nós do que racializá-la. O que se pode almejar é que os brancos todos – conjunto que inclui a branquitude – se deem conta, tomem consciência de seus privilégios seculares e aceitem recusá-los, mesmo que lhes doa e lhes custe. Isto é ser antirracista; isto é ser ético.

Quanto à “negritude”, ela ganhará o sentido político da liberdade de luta ao abandonar o cárcere da cor. Ressignificar o termo “afrobrasileiro” e “afrobrasileira” (sem hífen) situa o Sujeito em sua nacionalidade, invoca sua cidadania, assinala seus direitos à terra, à moradia, à educação, à saúde, ao trabalho, ao lazer, à livre circulação; vincula-o à sociedade brasileira e em sua cultura, com suas particularidades regionais. Além disso, afro-brasileira e afro-brasileiro são termos inclusivos dos diversos tons de pele e diversidades fenotípicas, favorecendo a

união que fica implícita nesse substantivo composto.

O que está me interessando aqui é propor um outro olhar sobre o racismo. Somos uma incrível variedade do Homo sapiens, parte brasileira, com origem autóctone, indígena da América do Sul; origem na Europa, na África e na Ásia. Somos igualmente humanos. A noção de raça precisa ser jogada na lata de lixo não reciclável. Lembre-se o trabalho da ONU de 1950, para o qual contribuiu Virgínia Leone Bicudo; a propósito, será bom reler o texto de Claude Levi Strauss sobre raça e história, nesse contexto.

Lembrando Freud, citado no início desse texto, da família à sociedade e ao Estado, o afro-brasileiro poderá encontrar muitas barreiras restritivas à sua liberdade individual e grupal e ver que sonham sua cidadania plena. Para citar um único exemplo, a criança afro-brasileira, aos quatro anos de idade, tem seu primeiro susto na instituição de ensino, quando não vê pessoas semelhantes a ela e a seus familiares representando a espécie humana em seu livro didático, um dos aspectos do racismo. Assim, o sofrimento causado por outros seres humanos será potencializado para os afro-brasileiros.

Todavia, no campo da história emocional do sujeito, em psicanálise, cada caso é um caso e só a escuta qualificada, com letramento racial, indispensável, poderá desamarar os nós produzidos pelo sistema racista em que vivemos. Nada das formas de repressão acima autoriza o psicanalista a afirmar características subjetivas individuais ou “grupais” a partir da epiderme. Não reconhecimento inconsciente coletivo, traumas coletivos, a menos que os escute um a um.

As formas de destrutividade descritas por Freud no *Mal-estar na civilização* concernem a todos os psicanalistas, observou Ewa Weil em seu artigo “Lugares do traumático, o genocídio: o laço coletivo-individual”. Mas, diante de posições exacerbadas, plenas da pulsão de morte, o passado humano traz ensinamentos que podem ajudar a olhar para a escravidão e para o racismo no Brasil atual de um modo novo<sup>1</sup>.



**José Maria Tobias (1894-1963)**  
Aquarela sobre cartão - WordPress

Nos perguntamos até onde os psicanalistas brasileiros têm conhecimento do impacto do racismo na vida dos que o sofrem. Mas, mais importante é indagar até onde confiamos ainda no inconsciente, no método e técnicas da psicanálise para escutar o que nunca se imaginou, e acolher em vínculo de cuidado e respeito humano.

O trabalho psicanalítico que desenvolvo desde o início de minha clínica me permitiu escutar analisando de diversas classes sociais; afrobrasileiros (sem hífen) e brancos (crianças, adolescentes, adultos).

Atender em uma instituição para crianças um menino de oito anos de idade, analfabeto, rejeitado pela mãe biológica, ambos afro-brasileiros, permitiu resgatar com ele uma primeira experiência de acolhimento (feita por sua madrinha) que durou dos dois meses aos dois anos de idade. Graças a esse cuidado suficientemente bom nessa fase de sua vida, ele pode se beneficiar da análise, que devolveu a ele sua capacidade de

pensar, aprender, julgar, agir, enfim, brincar como qualquer criança. A ponto de levar a psicanalista a compreender que seu hábito de revolver lixeiras era uma ação simbólica que representava sua busca do pai que, segundo a mãe, “não prestava” e “era um lixo”. Ele pode aprender a ler, ser representante de turma, receber diploma no Karatê, enfim, amar e ser amado. Sua mãe pode lhe dizer o nome de seu pai. Esse resultado foi favorecido pela madrinha, pela mãe social e a rede de apoio construída por nós, incluindo sua professora e a instituição.

Durante o atendimento individual de adultos afro-brasileiros, escutei relatos de dificuldade ou impossibilidade de trazerem para suas análises experiências vividas de racismo. Esse fato, que se contrapõe a toda a proposta da psicanálise, desde Freud, nos motivou a criar um o grupo de escuta psicanalítica com foco em questões étnico-raciais e sofrimento psíquico. Essa experiência demonstrou que quando a disponibilidade para uma escuta analítica encontra a necessidade de falar, um “laço” discursivo se instaura dando início a um processo terapêutico. Frente a situações de racismo, conseguir conversar

a ponto de chegar à questão qual é sua parte nisso de que te queixas, demanda delicadeza e amorosidade.

O “falar em nome próprio” e ser escutado/escutada gera transformações e possibilita crescimento mental. Aos poucos, o lugar do Sujeito se amplia e o lugar do Outro ganha contornos: torna-se possível conversar sobre experiências que antes eram “caladas por precaução” ou por “receio de represálias”. Nesse trabalho, os analisando nos mostraram que é necessário e possível falar de racismo em psicanálise.

Ações Afirmativas já implementadas em Sociedades federadas como a SBPPA e SPRJ favorecerão o acesso de pessoas afro-brasileiras para fazerem sua formação em psicanálise, para que se tornem psicanalistas. Esse é um trabalho ético, antirracista e que dignifica a todos da Febrapsi que o abraçarem. Se nos humanizarmos exigiu sacrifício, é muito provável que nos rehumanizarmos exigirá um pouco mais...

<sup>1</sup> A versão completa deste texto se encontra no prelo com o título “Humanismo: o Alpha e o Ômega”.

# Ações afirmativas nas Sociedades de Psicanálise: Uma importante discussão



**Josiane Barbosa Oliveira**

Diretora de Comunidade e Cultura da Febrapsi

Membro associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto (SBPRP)

Em 2021, durante a gestão da psicanalista Wânia Cidade na Diretoria de Comunidade e Cultura da Febrapsi, foi criada a Comissão de Estudos Antirracistas, que congrega representantes das federadas. Com encontros mensais, o grupo de estudos organiza palestras, seminários, jornadas e troca de experiências, focalizando temas relativos às questões raciais e sua interferência tanto na teoria quanto nas práticas psicanalíticas.

A disseminação de práticas de cunho antirracista é fundamental, na medida em que provoca mudanças nas concepções existentes. O tema racismo é sentido, normalmente, como provocativo e desnecessário, porém, se não o abordarmos não promoveremos mudanças urgentes. Ao dizer que “não basta não ser racista é preciso ser antirracista”, a estudiosa da causa negra Ângela Davis indica que ações efetivas são essenciais para combater o imobilismo “natural” dos grupos sociais. Comenta ainda

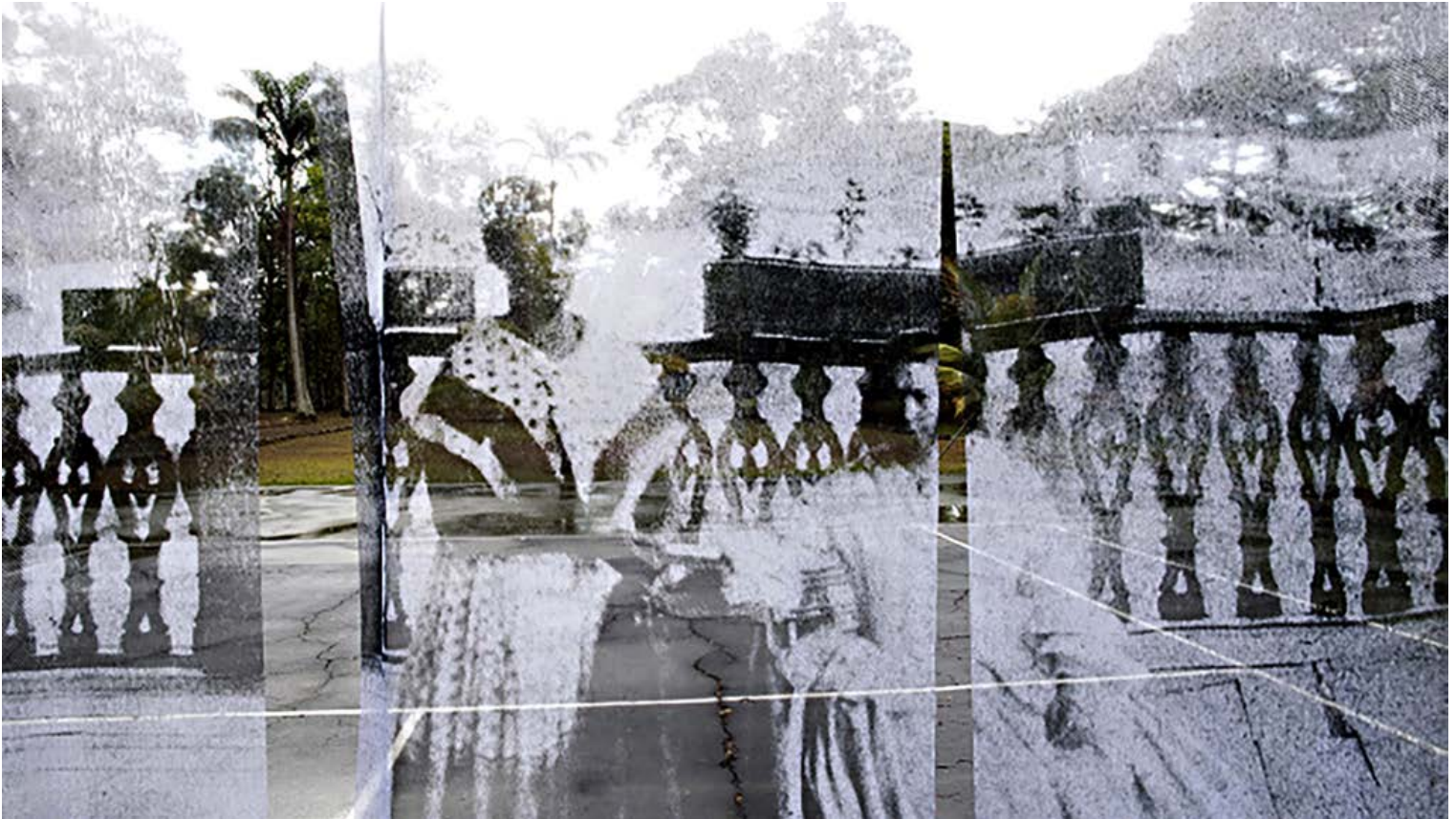
o quanto esse imobilismo é a expressão concreta do racismo.

*Os conceitos de racismo, negritude, branquitude, identidade negra, discriminação, preconceito e outros muito inovadores no âmbito da psicanálise estão sendo assimilados aos poucos. As reuniões da Comissão de Estudos Antirracistas da Febrapsi reforçam interpretações, reavaliam conceitos, trazem práticas e modelos, além de proporcionarem a formação de grupos internos, reverberando considerações e críticas e promovendo níveis de consciência.*

As reuniões mensais nos apresentaram um quadro nacional e internacional de pesquisadores que abordam a questão das relações inter-raciais, como Carlos Alberto Medeiros, Ignácio Paim Filho e Débora Medeiros. Conhecemos também programas de ações afirmativas da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ), da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre (SBPde PA) e da Sociedade Psicanalítica do Recife (SPRPE). O programa da Sociedade Brasileira de Ribeirão Preto (SBPRP) foi posterior e já é fruto dos trabalhos e incentivos da Comissão. Várias outras sociedades também iniciaram seus grupos de estudos e ações afirmativas inaugurais.



Racismo Ambiental – Site MST



**Filha Natural**

Aline Motta (2018-2019) – Arte-fotografia

*A existência de pessoas negras nas formações das Sociedades pode ou não ser vista como uma questão a ser avaliada, mas precisa ser identificada em suas causas e consequências.*

*É uma expressão do racismo à brasileira termos um número ínfimo de pessoas ou é apenas um espelhamento de outros círculos da sociedade? É uma repetição de padrões que ocorrem nas esferas de estratificação social ou é uma posição sistemática de nossos institutos de formação?*

Existem conflitos teóricos, epistemológicos e técnicos quando estudamos os processos de racialização no mundo e no Brasil e a maneira como eles se configuram e se reconfiguram nos consultórios psicanalíticos. A perspectiva de racismo estrutural, apontada pelo pesquisador Silvio Almeida, abarca elementos já estudados pela psiquiatra e psicanalista Neusa Santos, pela psicóloga e psicanalista Isildinha Baptista Nogueira, e pela filósofa e estudiosa de psicanálise Lélia Gonzales. As perguntas formuladas acima podem ser respondidas

quando nos aprofundamos em estudos teóricos e clínicos.

A população negra está sendo atendida com considerações ampliadoras sobre sua história e sobre as configurações singulares de sofrimento psíquico que o racismo provoca em cada indivíduo, sem que isso possa ser desqualificado ou minimizado.

Cada federada, à sua maneira e a seu tempo, tem instituído práticas antirracistas necessárias. É fundamental trazer esse assunto à tona – gerar reflexões, fornecer informações e produzir percepções – mesmo que acompanhado de turbulência e desconforto. Afinal, o que é a psicanálise senão uma contínua relação com o novo visto e revisto nas diversas camadas da realidade? Com essa comissão em ação muitos ganhos sucessivos têm sido acumulados.

Grupos de estudos foram criados e processos de letramento iniciados. Por “letramento” entendemos a assimilação de novos olhares e interpretações sobre as relações raciais. Temos uma histórica colonização do pensamento que cristalizou como verdades muitos conhecimentos viesados por distorções e preconceitos sub-reptícios. Com acesso a novas informações oriundas de pesquisas e novas propostas de interpretação, objetiva-se a descolonização dos hábitos arraigados.

Não há expectativa de unanimidade teórica ou prática nesse assunto. A diversidade dos pensamentos é também bem-vinda

e desejável. A evolução das relações inter-raciais no Brasil passa por características singulares que fazem com que contribuições de muitos autores internacionais (Isabel Wilkerson, Grada Kilomba, Robin DiAngelo, W. Du Bois, Achille Mbembe e Frantz Fanon, entre outros) e nacionais (Dagoberto José Fonseca, Kabengele Munanga, Ynaê Lopes dos Santos, entre outros) forneçam embasamento para incipientes comissões e grupos de trabalho.

*Em 16 de Março de 2024 mais um passo foi realizado: aprovou-se, em Assembleia da Febrapsi, uma destinação de aporte financeiro para as quatro federadas que já tem projetos instalados de ações afirmativas. Na ocasião, também ficou aprovada uma abertura para recebimento de aportes financeiros a todas as outras federadas que ainda não tem projeto, mas querem estruturá-lo. A necessidade de verbas advém dos custos implícitos quando se instituem bolsas, o que tem sido cuidadosamente avaliado em cada Sociedade.*



# Rodeando Conversas

Programa Sankofa, da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto

O compartilhamento de saberes tem vários formatos. Podemos dar aulas, palestrar, escrever livros e artigos, instruir por via de programas ou dicas, oferecer treinamento e oficinas. Um jeito muito agradável de compartilharmos conhecimentos é a roda de conversa.

Com a pretensão de superar a hierarquização do saber, as rodas de conversa têm se multiplicado por buscar a troca proporcionada pela fala e pela escuta. Numa roda quem quer falar se expressa e quem pode ouvir ouve.

Às vezes, ouço objeções a esse formato de trabalho na ordem do seguinte empecilho: mas não se chega a lugar nenhum. Eureka, não se visa mesmo um produto. O essencial de uma roda é o processo!

O conjunto reunido prima pela generosidade. Quem sabe muito propõe-se a acompanhar os primeiros passos de alguém. Quem sabe pouco usufrui do pensamento em evolução de quem já pensa há muito tempo sobre o assunto versado. As interlocuções internas que cada um realiza são próprias e inalienáveis.

No dia quatro de maio de 2024, o Programa Sankofa de ações afirmativas da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto realizou a 1ª Roda de Conversa pública com o tema Psicanálise e Relações Raciais.



Acorreram ao encontro um grupo robusto composto de 75% brancos, 23% negros, 2% pardos. O evento começou com uma interpretação teatral profunda e emocionante do texto de Carolina Maria de Jesus, feito pela atriz e arte-educadora Flávia Mildres Rodrigues Ribeiro.

A partir de então, a palavra foi rodando, rodando e ouvimos depoimentos, ponderações, reflexões, questionamentos em torno do tema. Como a psicanálise tem se aproximado (ou se afastado?) do racismo, da discriminação, do preconceito? Onde podemos fazer nossas revisões técnicas? Existe um contingente de analistas preparados para atender pessoas negras? Existe um público de várias etnias para serem atendidos? Uma nuvem de abertura epistemológica pairou sobre o grupo fertilizando reflexões, gerando vontades de estudos e mais trocas.

O número significativo de terapeutas negros que atenderam ao convite demonstrou, mais uma vez, a importância de estabelecermos espaços para o diálogo sobre racialização. Presente no campo das relações e significativa no campo da estruturação das subjetividades, tanto do indivíduo dito negro em uma coletividade dita "brasileira", este tema é pouco debatido. São reuniões ainda pioneiras nessa ordem, mas com perspectivas muito abrangentes.

O Programa Sankofa da SBPRP considerou exitosa esta primeira experiência. Ela ocorreu na cidade de Franca (SP). Estão previstas rodas nas cidades de Ribeirão Preto e Jaboticabal (SP).



# Psicanálise e Psiquiatria: o diálogo possível

*"Há um sentimento verdadeiro à solta pelo corpo.  
Ao princípio, a agudeza da sensibilidade transfere-se  
Para a mente, parecendo que o entendimento está senhor  
Da situação. Mas é sintoma errado. O estranho classificado  
Resiste ao nomeado."  
(Maria Gabriela Llansol)*

Este artigo procura traçar um histórico das interseções entre psicanálise e psiquiatria, desde seus primórdios até os dias atuais, partindo da obra literária *O alienista*, não apenas como ponto de partida, mas, principalmente, como um texto visionário, que recorre ao exagero em sua forma de expressão e que antecipa, em alguma medida, os rumos do que virá a ser a saúde mental no Brasil nos séculos XX e XXI. O presente trabalho também propõe reflexões acerca dos aspectos subjetivos dos psicofármacos e sobre os caminhos viáveis para a integração possível entre psicanálise e psiquiatria.

*Em 1882, Machado de Assis publicava O alienista, com seu icônico personagem Simão Bacamarte, médico interessado pelas afecções psíquicas e habitante da cidade imaginária Itaguaí. Bacamarte representa, de forma crítica e jocosa, a linha tênue que separa loucura e sanidade e ainda o positivismo, a ineficácia e o autoritarismo observados no tratamento das doenças nervosas, em vigor no final do século XIX.*

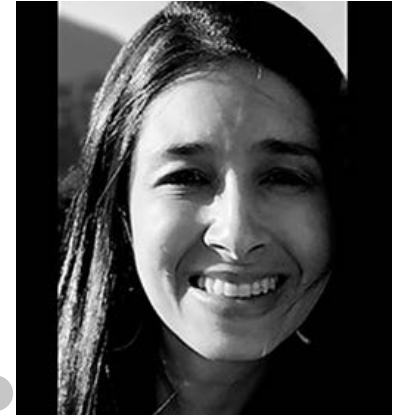
Apenas três décadas antes, em 1852, era inaugurado o primeiro hospital para alienados do Brasil: o Hospício Dom Pedro II, localizado na cidade do Rio de Janeiro. Machado de Assis foi preciso na captura das nuances de sua época, e foi visionário, um homem além do seu tempo, quando descreveu esse médico que não cessava de ampliar as categorias diagnósticas e que acreditava haver uma norma, um ideal de sanidade mental.

Alguns acontecimentos do final de século XIX constituem pródromos do nascimento da psicanálise. Dentre eles estão o encontro e a amizade de Freud e Breuer, que em 1882 já conversavam sobre o caso de Ana O. e a viagem de Freud à Paris para acompanhar os estudos de Charcot na Salpêtrière. No início do século 20, enquanto a psicanálise nascia, ganhava corpo e forma em seus constructos acerca do adoecimento psíquico, a psiquiatria na Europa não era muito diferente do modelo ilustrado por Machado de Assis: uma ciência confinada às descrições classificatórias, marcada por tratamentos erráticos e precários.

Segundo Cromber R. (2014/2021), foi a partir da incorporação entusiasmada da psicanálise feita por Bleuler que a psiquiatria foi acrescida de uma compreensão dinâmica do paciente, e o período em que essa visão predominou ficou conhecido como Bleulerismo. A autora menciona um exemplar em específico do Jahrbuch, o nº 3, publicado em 1911, que continha ensaios de vários psicanalistas, dentre os quais, Freud, Bleuler, Jung e Sabina Spielrein, como um verdadeiro achado arqueológico:

*"O que estava se materializando, nessa reunião de ensaios do Jahrbuch, abordando as agora chamadas psicoses, esquizofrenia e paranoia, era a consolidação da progressiva implantação da psicanálise no coração da psiquiatria. E isso se deveu a Freud, Bleuler, Jung e Spielrein, além de Abraham, Binswanger, Eitingon, Riklin e Maeder" [grifo nosso] (p. 124).*

De acordo com Costa, J.F. (2007), em *História da psiquiatria no Brasil: um corte ideológico*, somente em 1912 a Psiquiatria tornou-se uma especialidade médica autônoma no Brasil. Fazendo um paralelo com o Bleulerismo, podemos pensar que o desenvolvimento da psiquiatria por aqui foi se desenrolando sem a implantação da psicanálise em seu coração, constituindo



**Aline Sant'Anna**

Psiquiatra com especialização em psicoterapia pelo Instituto de Psiquiatria da UFRJ, membro do Instituto Virginia Leone Bicudo, da Sociedade de Psicanálise de Brasília (SPBsb)

sua visão da doença mental em bases biologizantes, tal qual a psiquiatria alemã. Segundo Costa: "(...) o biologismo não se limitava mais a explicar o funcionamento psíquico e cultural da sociedade. Ele deveria poder determinar o modo concreto da organização e funcionamento de todas as instituições sociais, desde a família até o Estado." (p. 42)

Nesse contexto, foi fundada, em 1923, a Liga Brasileira de Higiene Mental (LBHM), calcada num biologismo ideológico e não-científico. De acordo com Costa, a LBHM, ao longo dos anos, mostrou-se progressivamente alinhada com a ideologia do embranquecimento racial e com a concepção de que haveria raças superiores e inferiores, passando a praticar, portanto, a higiene mental enquanto higiene social da raça.

Segundo Ribeiro, P.R.M. (1999), a psicanálise no Brasil começou a circular sutilmente na virada do século, mas somente na década de 30 conseguiu se impor como método alternativo de tratamento. A medicina e psiquiatria foram as portas de entrada da psicanálise no Brasil que, inicialmente, foi absorvida conforme os interesses da Liga, chegando a existir uma clínica psicanalítica fundada pela LBHM. Somente no final dos anos 30, a psicanálise se afasta da psiquiatria, construindo uma identidade em separado.

Temos então, no Brasil, um caminho que foi tortuoso desde seus primórdios na relação entre psicanalistas e psiquiatras. Conforme Ribeiro, houve três momentos da psiquiatria em relação à psicanálise: o de não aceitação, o de ambivalência e o de aceitação.

Se considerarmos que a LBHM encerrou suas atividades em 1947, a real possibilidade de um diálogo minimamente salutar entre psicanálise e psiquiatria tem início

nessa ocasião. Uma harmonia frágil e de curta duração, uma vez que o surgimento dos primeiros psicofármacos data do final da década de 40/início da década de 50, e o otimismo com a eficácia do tratamento medicamentoso deflagrou um lento e incipiente processo de distanciamento entre psicanalistas e psiquiatras, que avançaria nas décadas seguintes com o progresso dos tratamentos medicamentosos.

À medida que a psiquiatria “evoluiu”, passávamos a ter mais psiquiatras enfáticos em situar a psicanálise como uma prática proscrita e obsoleta, por carecer de comprovação científica e, por outro lado, psicanalistas reticentes em relação a um potencial benefício com o tratamento medicamentoso. Paralelo a isso, as discussões acerca das entidades clínicas começaram a revelar ruídos que evoluíram até uma ruptura mais radical, por ocasião da publicação do DSM 3 (1980), que ampliou o número de transtornos mentais de forma exponencial (enquanto o DSM 2 listava 180 diagnósticos, o DSM 3 passou a listar 265), além de eliminar o termo neurose de suas descrições.

A consequência do DSM 3 foi o alargamento progressivo da distância entre psicanalistas e psiquiatras, até um quase abismo atual. O diálogo tem se mostrado escasso e improdutivo em sua maior parte, sendo cada vez mais raro encontrar profissionais com uma visão integrada, que contemplem psicanálise e psiquiatria como saberes compatíveis. Mais do que enfrentar ou tentar sanar as diferenças e divergências, é importante reconhecer que elas existem e que podem ser barreiras intransponíveis em algumas situações.

### Como engolir a pílula?

Os psicofármacos, como vimos, são recentes na história do tratamento médico, no entanto, sua disseminação e popularidade são notórias e inquestionáveis, sendo esse um fato complexo que demanda reflexão ampla e cuidadosa.

*No artigo intitulado Como engolir a pílula? Laurent, E. (2004) chama nossa atenção para a presença ubíqua dos medicamentos em nossa sociedade: “Estamos hoje mergulhados no medicamento. Ele está onipresente em nosso campo e vem abalando a clínica. Define ideais de eficácia, transforma as instituições médicas, triunfa sobre a tradição e os significantes-mestres. É objeto de demandas neuróticas, de exigências psicóticas e usos perversos” (pp. 32-33).*

No mesmo artigo, o autor menciona Balint, M. que colocou a si próprio como medicamento reparador: “é o psicanalista que prescreve a si mesmo” (p. 33). Segundo Laurent, o medicamento é um objeto libidinal e se apresenta sob quatro formas distintas: “o *phármakon*, o placebo, o ‘mais de vida’ e o anestésico”. Tomarei as duas primeiras formas por ele descritas como um fio condutor no trato com o tema do

medicamento, adicionando a elas algumas ideias e exemplos clínicos.

O *phármakon*, desde Platão, denomina a substância - ou coisa que o valha - que contém em si um efeito potencial de bem e mal, num largo espectro. Nesse sentido, água, alimento, fármacos, palavras, vínculos, podem ser *phármakon*. Além dos extremos do espectro, uma determinada substância é capaz de ser ineficaz e não produzir efeito algum, sendo frustrantemente inócua.

É o extremo mal do *phármakon* que vemos atuar naquele que faz uso dos medicamentos, ora prescritos para o seu alívio, como ferramenta de autodestruição nas tentativas de suicídio por meios farmacológicos. Recordo, aqui, de um poema de Mia Couto:

“Em solidão,  
o homem come,  
merecedor do que lhe é servido.  
Depois,  
bebe, como se fosse bebido,  
tragado pelo vazio dos desertos.  
Dono do seu despovoado,  
então, a agride, com ferocidade de bicho.  
A mulher se estilhaça no soalho” (p.150)

Esse limiar entre bem e mal e a busca incessante por um *phármakon* é o que vemos na destrutividade que permeia as adições. O primeiro gole é repleto de alívio, mas o homem “bebe como se fosse bebido”, habitando uma fronteira estreita, que pode conduzir à morte por overdose, um desfecho no qual ele é bebido, devorado, destruído. É a substância sendo seu avesso, e o vínculo perdendo a capacidade erótica/agregadora para ser pura expressão de Thanatos, quando o marido faz da mulher, estilhaços.



Segundo Mc Dougall, J. (1991/2013), em *Afetos: dispersão e desafetação (...)*, os objetos da necessidade adictiva não conseguem proporcionar mais do que um breve período o reconforto exigido, e aquilo que oferecem raramente é suficiente para a criancinha desesperada e enfurecida que sobrevive nesses pacientes. Esses objetos são inconscientemente tratados como a “mãe-seio” do início da infância, que é considerada responsável por todo o prazer e por todo o sofrimento que o bebê vivencia (p. 108). Nesse sentido, o homem “bebe como se fosse bebido” e bebe como se fosse um bebê.

A segunda forma descrita por Laurent, “o placebo” é o falso, aquele que consegue ludibriar o organismo, se passando por verdadeiro. O autor aponta um aspecto interessante do que chamamos “efeito placebo” ao dizer que todo medicamento é inseparável de uma ação subjetiva, e que uma substância que, comprovadamente, cura, reforça a crença em seu poder curativo.

*Para que um medicamento seja aprovado pelas autoridades reguladoras e liberado para o uso em humanos precisa passar pelo rigor de estudos que comparam seus efeitos aos do placebo, criando uma certa ilusão de pureza bioquímica. No entanto, é impossível separar o medicamento da subjetividade de quem o toma. Assistimos a isso, cotidianamente, nos consultórios médicos e nos balcões de farmácia, quando alguém sente um alívio imediato ao iniciar determinado tratamento, ainda que o efeito terapêutico do medicamento prescrito demore algumas semanas para ocorrer.*

Quando se trata de um tratamento psiquiátrico, as questões passam a ser ainda mais sensíveis, haja vista a dificuldade de mensurar o sofrimento psíquico nos moldes médicos. Ainda que existam escalas e teste validados para auxiliar na conclusão diagnóstica, esses não são superiores à impressão obtida a partir da entrevista clínica. Nas consultas em que o intuito é observar o efeito de uma medicação prescrita, as questões subjetivas saltam aos olhos e, muitas vezes, é difícil diferenciar o efeito químico do efeito placebo.

Na psiquiatria não há um marcador sanguíneo, um “RX da alma” ou qualquer outro exame que seja preciso o suficiente para revelar o que não é palpável. Até o momento, à despeito de todo o avanço científico, os exames complementares se prestam mais a estabelecer diagnósticos diferenciais com outras condições clínicas, que podem se apresentar com sintomas psíquicos, atuando como fator de confusão.

Teço a seguir, algumas conjecturas a partir da minha experiência como psiquiatra nos tempos atuais. Ao procurar um profissional dessa área, é comum que as pessoas nutram expectativas de encontrar um grande alquimista, capaz de prescrever elixires que venham a curar todos os males, fazendo ajustes finos para eliminar cada ruído que perturbe o tão almejado estado de perfeita homeostase. Tal demanda é insustentável e, antes de qualquer prescrição, faz-se urgente modular a ideia de tratamento psiquiátrico, deixando claro que as medicações possuem seus alcances, mas também seus limites.

Ressalto que o potencial terapêutico das medicações é diferente no terreno das psicoses e dos transtornos do humor mais graves, onde elas ocupam um papel de maior destaque, sendo imprescindíveis e grandes aliadas, na maior parte dos casos.

De toda sorte, num plano geral, mesmo nos casos mais afortunados, em que o tratamento é bem-sucedido e produz alívio, seguiremos diante de alguém falível, incompleto, castrado. Em seu poema *A pequena morte*, Eduardo Galeano diz que “nascer é uma alegria que dói”. Talvez viver também seja uma alegria que dói, e para essa dor não há remédio.

## A via oral

A imensa maioria dos psicofármacos é tomado por via oral – o que pode ser de considerável relevância para uma reflexão psicanalítica – e a relação mãe-bebê, por sua vez, é um importante modelo que atravessa o pensamento psicanalítico de diversos autores.

Partindo da ideia contida na citação de Mc Dougall, acima, sobre a similaridade entre a dinâmica adicta e o que se passa na relação da criança com a mãe-seio da primeira infância, cabe aqui alguma digressão para pensar sobre a oralidade como um paradigma das relações objetais: a forma inaugural de se relacionar com o outro.

Em o *Eu e o Id* Freud, S. (1923) menciona, de passagem, o “homúnculo do cérebro, dos anatomistas” que, com suas desproporções peculiares, tanto diz de nossa relação

com o mundo externo. A imagem que representa a sensorialidade – homúnculo sensorial – traz uma figuração imensa da boca e, embora estabelecer correlações cerebrais para a teoria Freudiana não seja o objetivo, tal figura ilustra, de forma intrigante, o “tamanho da oralidade”: é com a boca que o bebê recepiona o mundo em seus primórdios. Esse enorme órgão está relacionado a dois sentidos que alimentam o Eu com percepções: tato e paladar. Por meio deles, o bebê irá conhecer, reconhecer, estranhar a mãe nos sucessivos encontros e desencontros com o seio.

*O encontro com o seio e o leite é nutritivo, mas vai além da nutrição; esse contato com a mãe – boca/mamilo – é, em grande medida, apaziguador das angústias primitivas do bebê. A conjugação de leite, afeto e colo compõe uma espécie de liga que favorece – mas não garante – que os processos de integração psíquica se encaminhem no sentido de proteger o Eu em formação da fragmentação. O que é recebido pela boca estaria, então, num lugar de destaque: o primeiro remédio recebido pelo recém-nascido, oferecido pelo objeto mãe. Um líquido mágico – um phármakon – que alimenta, acolhe, acalma e faz dormir, recebido num momento de grande intimidade física, com trocas de olhares e o conseqüente asseguramento de estar sendo visto.*

Os elementos transferenciais e contra-transferenciais que emergem na relação médico-paciente, na maioria das vezes, ficam no lugar de uma mensagem sem destinatário. Aquele que foi atendido e recebeu uma prescrição dificilmente terá clareza desses componentes primitivos e a grande maioria dos médicos desconhece o sentido desse fenômeno.

A situação clínica em que o médico prescreve uma medicação para alguém reproduz a cena da mãe com seu bebê e, tanto o remédio quanto o profissional, ficam revestidos dessa libido que advém dos primórdios psíquicos. Como engolir o leite? Como e quando parar de engolir o leite? É instigante notar o quanto é comum que se denomine a retirada de

uma medicação como “desmame”. Trata-se de uma expressão largamente utilizada por profissionais e leigos, sem maiores considerações sobre seu sentido mais simbólico e profundo. Em minha leitura do tema, a ideia de desmamar alguém de um fármaco – ou de um vínculo com o médico – tal como vemos no linguajar corrente, ocupa um papel sensível e fomentador na metáfora que faço do medicamento com o leite materno.

### Novos alienados e alienistas

Diante da fatura de diagnósticos listados nos manuais de psiquiatria e da visibilidade que alguns diagnósticos alcançam nas redes sociais, temos sido testemunhas de um intrigante aumento na incidência de “transtornos psiquiátricos”, com depoimentos de pessoas comuns e de pessoas famosas (inclusive no âmbito de Congressos de Psiquiatria); campanhas de prevenção mais parecem campanhas de patologização da vida.

Recordo de uma pessoa que recebi no consultório, recentemente, para uma segunda opinião acerca do uso de Metilfenidato, uma droga psicoestimulante para o tratamento de TDAH, que fazia uso há 5 anos. Segundo o paciente, quando procurou o psiquiatra, aos 18 anos, vivia um momento difícil, associado à escolha de uma profissão e à conseqüente dificuldade de se concentrar nos estudos: ele não se sentia doente. No entanto, o psiquiatra que, em suas palavras, era um entusiasta do famoso medicamento (uma vez que ele também usava e que também era “portador” de TDAH), conseguiu persuadi-lo a testar o fármaco. Desde então, para essa pessoa, o tratamento passou a ser uma necessidade e o diagnóstico uma verdade.

O diagnóstico psiquiátrico, ao nomear o sofrimento, atua com um *phármakon*, e remedia, em parte, a dor psíquica. Sendo



Desenho – Vecteezy.com.arte

assim, a palavra do psiquiatra, ao mesmo tempo que aplaca, é potencialmente iatrogênica, haja vista os danos que uma verdade diagnóstica pode trazer ao psiquismo. O efeito do diagnóstico, com sua carga de fatalidade, não amplia a subjetividade, ao contrário, promove um fechamento e desestimula o diagnosticado de pensar sobre o que sente e de se implicar no próprio sofrimento.

*O conteúdo do saber psiquiátrico atual, a forma como este é disseminado nas mídias em geral e nas redes sociais, e a demanda das pessoas por um atalho na obtenção de alívio para o sofrimento psíquico geram uma enorme força na constituição dessa maré contra a qual precisamos remar. Machado de Assis foi*

*realmente um visionário quando escreveu O alienista. Na Casa Verde de Itaguai já era possível constatar o fenômeno que hoje tem sido nomeado como “Epidemia de diagnósticos em saúde mental”.*

### Considerações finais

Ainda há espaço para a psicanálise no coração da psiquiatria? Fica a pergunta e a despreensão da resposta. A questão dos excessos diagnósticos e da medicalização da vida implica pensar num cenário ampliado, que envolve a sedução da indústria farmacêutica e todo o poder que essas empresas detêm em nosso mundo capitalista e cientificista, exigente de provas cabais na comprovação de eficácia.

Vivemos um conjunto de circunstâncias que culmina por achatamento da subjetividade humana e, como dito acima, mais do que enfrentar ou tentar sanar as diferenças e divergências, é importante reconhecer que elas existem, e que podem ser barreiras intransponíveis em algumas situações.

É salutar a busca por um enlace possível com quem a conversa acontece a despeito dos vãos. Médicos psiquiatras, cujos corações sejam mais receptivos ao “reimplante da psicanálise”, são personagens importantes para que possamos prosseguir com a integração possível entre as duas práticas, abarcando limites e alcances de cada uma, lembrando que “O estranho classificado/ Resiste ao nomeado”. Em suma, precisamos de mais Machados e menos Bacamartes.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

1. Assis, M. (1998). O Alienista. Porto Alegre. L&PM. (Trabalho original publicado em 1882).
2. C.C.H. [on line]. Disponível na internet via: <http://www.cch.uem.br/grupos-de-pesquisas/gephe/documentos/arquivos-brasileiros-de-higiene-mental>
3. Costa, J. F. (2007). História da Psiquiatria no Brasil: um corte ideológico. Rio de Janeiro. Garamond.
4. Couto, M. (2016). MIA COUTO [poemas escolhidos]. São Paulo. Companhia das Letras
5. Cromber, R.U. (2021). Sabina Spielrein: uma pioneira da psicanálise. In Obras completas, volume 1. São Paulo. Blucher.
6. Freud., S. (2011). O Eu e o Id, “Autobiografia” e outros textos. In Obras Completas, volume 16. São Paulo. Companhia das letras. (Trabalho original publicado em 1923).
7. Galeano, E. (2014) O livro dos abraços. Porto Alegre. L&PM. (Trabalho original publicado em 1989)
8. Laurent, E. (2004) Como engolir a pílula? In Ornica? De Jacques Lacan a Lewis Carroll. Rio de Janeiro. Jorge Zahar.
9. Llansol, M.G. (2003). O começo de um livro é precioso. Lisboa. Assírio & Alvim.
10. Mc Dougall, J. (2013). Afetos: dispersão e desafetação. In Teatros do corpo: o psicossoma em psicanálise. São Paulo. Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1991).
11. Ribeiro, P.R.M. (1999). Saúde Mental no Brasil. São Paulo. Arte & Ciência.

# A barbárie que nos cerca: onde está o Eu frente ao Isso?

*"Estamos vivendo num período especialmente marcante. Descobrimos, para nosso espanto, que o progresso se aliou à barbárie"*

Freud  
em *Moisés e o monoteísmo*



**Maristela Nunes Pinheiro**

Presidente da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Goiânia (SBPG)

No texto de 1923, *O Eu e o Isso*, Freud lança a segunda tópica, com novo modelo estrutural do aparelho psíquico, após uma revisão na teoria das pulsões, e trata das relações e inter-relações entre o Eu, o Isso e o Supereu diante de demandas internas e externas, ampliando o entendimento da mente humana.

Em *O Eu e o Isso* Freud trata, entre outros pontos, da complexidade da teoria e suas limitações, das representações e da problemática das percepções. O inconsciente é vislumbrado além do recalcado, é visto como anterior à constituição do eu e das idealizações, é o terreno do autoerotismo, do eu realidade originária. É o lugar das sensações, e não dos sentimentos.

Comenta, ainda, que o inconsciente arcaico é decorrente do que não passou pela percepção-consciência. Este inconsciente primitivo é o lugar dos restos que não chegaram à consciência, onde traços e impressões precoces marcaram o alvorecer do psiquismo. Tais registros podem ter dois destinos: parte vai se metabolizando por meio das experiências de satisfação e de dor, vindo adentrar no mundo das representações; outra parte segue impossibilitada, pela força do traumático, de fazer o trabalho de metamorfose. Sendo assim, seguem paralisados, petrificados, congelados no tempo arcaico e desde esse lugar ao não poder ver a luz via representação, via sentimento – esses vão ver a luz de outra forma. Serão visualizados por sensações sinistras ou vão vir no ato, no corpo, na cultura. Aqui é o lugar do irrepresentável que não pode ser sonhado, pois não há imagem, muito menos palavra.

O lugar do irrepresentável não é a ausência de representação. O irrepresentável é esse traço, essa impressão, os restos que não chegam na percepção-consciência, pois toda representação passa pelo sistema percepção-consciência. As sensações são

disruptivas, sinistras, a repetição se dá pelo que não foi prazeroso, repete experiências traumáticas pelo excesso de intrusão da pulsão de morte. A lógica do inconsciente primitivo - o não recalcado - é do arco reflexo. É o momento em que o bebê vive o autoerotismo. Não há o objeto, não há o outro, desde a perspectiva do bebê. As marcas são inconscientes, para além do recalcado; são precoces e esparsas, não formam um conjunto, são isoladas, soltas, não se ligam entre si.

As patologias do irrepresentável são, por exemplo, a drogadição, o *borderline*, a anorexia, a bulimia, o *acting out*, a descarga em ato, a psicossomática. Essas patologias do tempo do eu originário têm marcas incipientes, impressões e traços impedidos de serem representados. O autoerotismo que o bebê vivencia não tem um corpo representacional, tem um corpo parcial, que é um território manifesto predominantemente por sensações sinistras no sujeito ou no outro.

*Volto o olhar para o tema da atividade que estamos realizando hoje, que é: "A barbárie que nos cerca: onde está o Eu frente ao Isso?". A barbárie que nos habita hoje parece ter feito um pacto com a contemporaneidade, em um território destrutivo com a prevalência de traumas precoces. A clínica psicanalítica cada vez mais é procurada por pacientes com esse quadro de irrepresentabilidade.*

Se a mãe, se o objeto não realiza a continência, a reverie, ao não acolher o bebê com continuidade, frequência e cons-

tância, esse bebê possivelmente sofrerá consequências da irrepresentatividade. Nesse momento arcaico da mente humana há uma força intrusiva da pulsão de morte, fragilmente mediada pela libido no bebê. Na circunstância citada acima também há uma força intrusiva da pulsão de morte no objeto-mãe: em vez de a mãe entrar com a libido na relação com o seu bebê, ela entra prioritariamente com sua pulsão de morte. Isso potencializa o desamparo no bebê.

## Material clínico

Lembro-me da "observação de bebês" que fiz há alguns anos. A mãe, ao dar de mamar ou o banho, não olhava para o bebê. A televisão ficava sempre ligada, com um volume alto, a mãe ficava distraída. Na cômoda, tinha as roupinhas do bebê, ela abria e fechava as gavetas em um ritmo frenético, com o bebê no seio mamando. O celular na mão era manuseado, a música que ela colocava no celular ou o joguinho do celular distraíam essa mãe. O bebê, ao mamar, pegava o peito, mamava e logo depois largava o seio; passando um pouco, o bebê chorava, reclamando de fome, queria mais "mama" (a mãe se desconectava do bebê).

O ritmo dele era pegar e largar o seio, não segurar, não firmar a boca no seio. A repetição se dá pelo desprazer. Ele não pode viver a plenitude nem a fantasia mítica de "eu sou o seio", que seria o protótipo do *fort-da*. Aqui, a brincadeira é com os objetos primários, pois, como dizia Freud em *Além do princípio do prazer*, repete ativamente o que vive passivamente.

Quando o pai estava presente, ele insistia com a mãe para dar mais "mama", e assim ela fazia. Essa mãe não dava contorno a esse excesso de pulsão de morte que transbordava, e não conseguia manter o

bebê ao seio. Também não continha a sua pulsão de morte ao não acolher seu bebê como seria necessário. Mostro aqui um exemplo da força intrusiva da pulsão de morte do objeto e do bebê.

Em torno de 20 dias, o bebê começou a respirar ofegante. Pela identificação projetiva nessas observações, sentia um desconforto no meu corpo, sensações estranhas e disruptivas me ocorriam.

O bebê foi ao pediatra e souberam que ele estava com bronquite, por isso – e, também, pelo baixo peso – teve que ficar internado (um exemplo de uma manifestação psicossomática precoce).

Logo que o bebê fez 11 meses, eles se mudaram para um barracão. Com entusiasmo, eles mobiliaram e enfeitaram a casa. Pergunto: uma casa para dois ou para três? Em torno de um ano, o pai mudou de trabalho e a mãe arrumou um emprego. Todos felizes com os seus empregos. Mas, e o bebê? Com quem iria ficar enquanto seus pais trabalhavam? Fiquei muito incomodada; o incômodo ficou comigo e não com eles. Observei, com estranhamento, o entusiasmo dos pais ao falar sobre os novos trabalhos sem mencionar nada sobre o bebê. Penso no bebê diante da vulnerabilidade materna, por não ter sido sonhado, imaginado nesse plano dos pais.

Certo dia de observação, cheguei e a mãe me disse que o bebê não estava em casa, mas em uma creche. Não está em casa? Como assim? Por acaso ele anda, dirige, vai de ônibus, vai de Uber? A mãe parece desafetada, pois não demonstra estar constrangida comigo ao dizer que o bebê não está, tampouco deve ter ficado constrangida com ele. Me levou até a creche, que ficava

na casa da frente, abriu a porta e me disse: “Entra”. Entrei e ela fechou a porta atrás de mim. Fiquei parada não imagino quanto tempo... foi uma eternidade! Uma mulher me chamou para entrar, mostrou o lugar onde eu deveria sentar e me disse: “Você é a Maristela, que cuida do bebê?”. Hein? Parece que até então eu não tinha percebido que essa mãe estava implicada nesse processo de delegar o seu bebê a mim. Aqui, também, um ponto importante que se liga à teoria da representação: como os pais podem se constituir como duplo parental possibilitando que o bebê crie representações? Consentii com a cabeça e me sentei. O banco era de alvenaria e o encosto ficava tão atrás que não conseguia colocar os pés no chão. Voltei-me para a frente e fiquei ali, paralisada, em choque. Eram tantas pessoas naquele lugar que minhas vistas embaraçaram; não enxergava nada, muito menos encontrei o bebê que observava. Estranhas e disruptivas sensações invadiram o meu corpo e me senti tomada por sensações horróricas. A dor que estava sentindo no quadril urrou. Fiquei de novo sem ter noção de tempo, até que escutei um choro. Pensei: “Esse choro eu conheço. Ao pensar sobre essa cena, percebi que essa mãe acionou o que não tem representação em mim por alguns minutos. Vivi pela contratransferência uma manifestação psicossomática.

Olhei em direção ao lugar de onde vinha o choro e encontrei o bebê. Olhei-nos olhos, fixamente. Ele chorou e urrou durante um tempo que não sei o quanto durou. Continuei olhando para ele como sempre fiz em todas as observações. Ele

me viu olhando para ele e olhou para mim. Ao me olhar, começou a balançar, ficou assim, balançando. Nossos olhos se entrecruzaram e, aos poucos, ele se acalmou (esses movimentos calmantes dele podem ser a busca, por meio do movimento rítmico, de conter o que não tinha contenção psíquica). Ficamos uma eternidade olhando um para o outro. Nesse momento, tentei segurar no olhar investido um olhar que busquei acolher nesse bebê (era essa falta de “olhar” a contenção que ele tinha. Eu visualizei uma imagem provavelmente dispersa logo que entrei naquela casa. Um tipo de despersonalização ocorrera em mim para segurar o foco de onde estava o bebê).

Esse material clínico pretende mostrar que a barbárie que nos cerca é esse disruptivo, é o não enlaçamento da pulsão de morte com a libido. Tenta dar vida à metapsicologia, ligando a teoria à clínica observando o estado nascente, a vulnerabilidade psíquica que culmina na doença psicossomática, tragada pela pulsão de morte.

A barbárie que nos habita é a fragilidade psíquica da pulsão de morte do nosso bebê interno com o objeto que também tem predomínio dessa pulsão nos nossos primeiros tempos de vida. Quando o objeto não tem compaixão, não tem potencialidade no lugar do outro, vemos que a barbárie e a crueldade andam juntas.

Penso também na barbárie que ocorre no corpo, metaforicamente, como nas doenças psicossomáticas, onde a pulsão de morte e o objeto intrusivo não contêm a força disruptiva da pulsão. As bordas do psiquismo não oferecem contorno para conter essa força desgarrada.



*Mother and child* – Barbara Hepworth (1934) – Escultura em pedra abstrata – Site: Arte que acontece

# A Psicanálise e o Psicanalista

A psicanálise foi criada e fundada por S. Freud no fim do século XIX e começo do século XX, após a publicação do livro *A Interpretação dos Sonhos*. Depois de sua experiência com a técnica de ab-reação e da hipnose, Freud expandiu seus trabalhos de pesquisa sobre o funcionamento da mente humana e criou a técnica da “associação livre”, ou seja, o analisando falava tudo o que lhe viesse à mente e o analista o escutava, numa atitude de “atenção flutuante” (ouvir sem intenção pré-concebida). Essa técnica tem como elementos de observação a transferência, a associação livre e a interpretação dos sonhos. Sonhos sonhados durante a noite e sonhos diurnos (devaneios e atividade imaginativa) não pensados.

Dois fatos marcantes ocuparam Freud durante suas pesquisas: primeiro o sonhar, a atividade onírica. Freud descobre sua importância a partir dos sonhos de seus pacientes e, principalmente, dos próprios sonhos. Esse fato leva o pai da psicanálise a fazer a análise dos seus sonhos, a auto-análise, e aprofundar a interpretação dos sonhos de seus analisandos. Com isso, estava se abrindo outro vértice de sua pesquisa: a análise da pessoa do psicanalista.

Como segundo fato, surge na experiência analítica um fenômeno chamado transferência, ou seja, afetos e desejos projetados na figura do analista pelo analisando. Logo a seguir, vem a contraparte na pessoa do analista, a contratransferência. Aqui se destaca, novamente, a importância da pessoa do psicanalista. Porque enfatizo isso? Porque daí em diante Freud percebe a importância da “análise do psicanalista” como meio de apurar sua capacidade de apreensão da realidade psíquica.

Quanto mais um analista fizer análise pessoal mais terá condições de discriminar e não misturar seus conflitos com os dos seus analisandos, além de sofisticar a sua capacidade de observação da realidade

psíquica. Com essa descoberta, Freud passa a exigir, na formação de um psicanalista, que o mesmo faça análise pessoal com um colega mais experiente durante pelo menos cinco anos em sua formação e, de tempos em tempos, volte à sua análise. Essa é uma exigência formal nos Institutos de Psicanálise filiados à Associação Internacional de Psicanálise (IPA), com sede em Londres.

Para algumas escolas ditas “de psicanálise”, a análise do psicanalista é tida como coisa secundária, e o peso recai sobre a formação teórica e técnica. Tais “escolas” não se preocupam com a pessoa do psicanalista e sua saúde mental. Como analisar outras mentes sem cuidar da sua própria? Os psicanalistas são humanos, têm conflitos, preconceitos, atitudes moralistas e julgadoras, aspectos que jamais podem influir em suas análises. Caso contrário, estarão “fazendo a cabeça dos outros”, professando suas crenças e preconceitos, e não sendo objetivos, livres, criativos e respeitosos com seus analisandos. Se há profissão que exige uma ética sem “moralismos”, “racismos”, “fundamentalismos” ou o “ismo” que queira, é a de psicanalista. O psicanalista não pode julgar, dar conselhos morais e educacionais, emitir juízo de valor, caso contrário, a liberdade



**Carlos de Almeida Vieira**

Psiquiatra, analista didata da SPBsb e membro efetivo da SBPSP

para se conhecer e ser si mesmo jamais acontecerá com seu cliente.

Quando largou a técnica da hipnose, Freud estava renunciando ao “suposto poder” que o analista teria sobre a outra pessoa. Psicanalista, ainda que seja humano e “filho de Deus” está vetado a tomar atitudes moralistas. Sua função primordial é pensar as experiências emocionais não pensadas dos seus clientes e, assim, fazê-los conhecer melhor seus conflitos, minorando a angústia de viver.

Freud fugiu do nazismo; enfrentou experiências dolorosas por mostrar a importância da sexualidade nos conflitos psíquicos; combateu o preconceito contra os judeus; frisou sempre que a liberdade de pensar e sentir era um caminho para a saúde mental e mostrou, principalmente, que a destrutividade humana é a raiz de todos os males mentais. Por todos esses motivos e preocupações, ele tinha uma atitude firme na formação de um psicanalista: a necessidade de sua análise pessoal para evitar efeitos maléficos na pessoa de seus analisandos.

O que quero enfatizar é que a psicanálise só se desenvolve – e isso está sendo feito sempre – se o crescimento mental e a saúde mental dos psicanalistas forem sempre cuidados. Cabe aos Institutos de Psicanálise essa função: cuidar dos seus alunos e futuros analistas para que sua prática e sua pessoa não sejam comprometidas. A psicanálise oferece um serviço de atendimento social e, como tal, tem a finalidade de proporcionar o crescimento psíquico das pessoas. Essas premissas acima elencadas devem fazer parte da formação de um psicanalista.



**Divã usado por Freud**

Em exposição no Freud Museum London



# ABC em Rede: Tecendo um espaço potencial no encontro com as diferenças

**Ana Paula Basségio Biondo**

*Associação Brasileira de Candidatos (ABC)*

Com grande entusiasmo, a nova gestão da Associação Brasileira de Candidatos (ABC) assumiu seus deveres em janeiro. A formação da diretoria teve como pilar central a união e a diversidade, encontrando sua força na multiplicidade de vozes e perspectivas provenientes de diferentes regiões do Brasil. Cada membro traz consigo uma bagagem única, enriquecendo a trama que estamos tecendo. A partir disso, nos permitimos sonhar uma ABC em Rede, cujo objetivo é integrar ainda mais os analistas em formação do país.

Comprometidos em dar continuidade à herança positiva estabelecida pelas

gestões anteriores, valorizamos as lições aprendidas, os sucessos compartilhados e a cultura de colaboração e respeito que permeia nossa ABC. Reconhecemos e apoiamos cada associado, conselheiro e representante que nos auxilia a manter nossa rede viva e pulsante.

A nova gestão está em processo de reestruturação dos nossos canais de comunicação, com o objetivo de unificar e integrar nossa Rede da ABC. A partir de junho, iniciaremos os Encontros Regionais em um novo formato. A concepção de Encontros Regionais Mistos, nos quais as cinco regiões dialogam entre si, promoverá um momento valioso de intercâmbio e compreensão do pensamento psicanalítico no Brasil. Esses encontros aprofundarão

questões relacionadas à história, currículo, análise leiga e os desafios da formação. Nosso propósito, por meio desses quatro eixos, é ampliar o diálogo e a interação com a diversidade de cada Instituto, considerando suas transformações ao longo dos anos, inclusive no contexto pós-pandemia. Para garantir a participação de todos os associados, realizaremos um evento híbrido.

Nos próximos dois anos, a ABC em Rede se dedicará a criar um espaço singular para cada analista em formação. Este será um espaço potencial onde, no encontro das diferenças, cada um poderá falar em nome próprio e exercitar a ética da Psicanálise, fundamentada no verdadeiro encontro com o outro.



# ABC

**Associação Brasileira  
de Psicanalistas  
em Formação – IPA**

**FEBRA**  **PSI**  
FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE PSICANÁLISE

FEBRASI Notícias: há trinta anos divulgando a psicanálise

# GEP Marília e Região amplia trabalhos para se tornar Sociedade



**Cibele di Battista Brandão**

Membro efetivo e analista Didata da SBPSP; Membro e atual Presidente do GEP Marília e Região

Ao iniciarmos 2024, gostaríamos de dizer algumas palavras sobre os anos passados e sobre nossa expectativa para os próximos. Por cerca de 30 anos, fomos Núcleo de Psicanálise de Marília e Região (NPMR), um dos degraus de composição da Federação Brasileira de Psicanálise (Febrapsi). São anos de convivência com participações muito ativas e produtivas.

Em 2020, solicitamos à IPA (Associação Psicanalítica Internacional) filiação para nos tornarmos um Grupo de Estudos. Recebemos a aprovação em 29 de abril de 2023 e passamos a constituir o Grupo de Estudos Psicanalíticos de Marília e Região (GEP Marília e Região), com possibilidade de passarmos a constituir Sociedade Provisória e, posteriormente, uma Sociedade definitiva. Essa aprovação foi um marco importante que muito nos alegrou e impactou.

Era hora de fazermos essa passagem para futuramente podermos oferecer formação a novos psicanalistas em nossa região. Mesmo acreditando no crescimento institucional, dúvidas e inseguranças apareceram e nos questionamos se estávamos preparados, se tínhamos conhecimentos suficientes, se conseguiríamos nos constituir como grupo de trabalho, e outras reações que aparecem diante do novo e temido progresso.

Nosso objetivo sempre foi trazer a Psicanálise para o interior do Estado de São Paulo, para que nossa região pudesse ser polo de formação e possibilitasse adesão de novos candidatos.

Desde então, temos lutado e percebido que nossos recursos estavam presentes, precisavam ser solicitados e manifestados dentro da nova estrutura: o GEP. As décadas anteriores nos prepararam para tal empreitada. Chegamos em 2024 com novos desafios. A passagem dos anos tornou

evidente que somos e nos sentimos um grupo coeso.

Somos 16 membros fundadores e 18 membros filiados pertencentes ao Instituto Durval Marcondes (SBPSP). Temos uma legião de colegas - os antigos agregados do NPMR - que se mantiveram em contato conosco, participando de nossos eventos científicos e culturais. São potencialmente candidatos a formação psicanalítica na nossa futura Sociedade de Psicanálise.

Depois de tantas conquistas, estamos vivendo mudanças profundas e a continuidade de desafiantes construções como GEP Marília e Região. No início de 2024, ficamos muito satisfeitos com a mudança para uma sede própria, que demoramos cerca de 13 anos para construir. Estamos felizes por termos conseguido realizar uma empreitada que, a princípio, parecia inviável. Temos hoje nossa sede, uma “bela casa” – abrigo, raiz e proteção. Cada um de nós contribuiu, principalmente, com trabalho, e todos sabem que nossa conquista feita passo a passo, com muita dedicação, determinação e luta, muito nos aproximou como grupo.

Somos hoje um Conselho Diretor com suas Diretorias:

**Diretoria Científica:** promove reuniões com colegas convidados que desenvolvem temas atuais, geralmente relacionados aos temas dos Congressos. A Biblioteca promove lançamentos de livros junto a essa diretoria.

**Diretoria Cultural:** tem como atividade mais regular o Cine Debate, evento mensal onde um filme é apresentado e comentado para a comunidade.

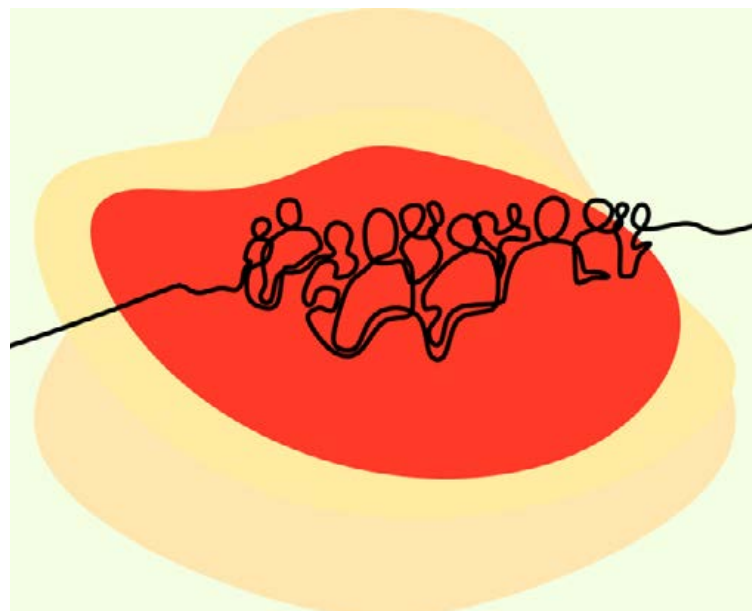
**Diretoria de Divulgação:** prepara todo material para publicação das atividades do GEP e promove divulgação dessas atividades.

**Diretoria de Atendimento a Comunidade:** responsável por organizar cursos para constante aprimoramento.

Atualmente, oferecemos cinco cursos com duração semestral: Atualizações Psicanalíticas Contemporâneas em sua Diversidade; A obra de Klein; Princípios Básicos da Clínica Psicanalítica; Recuperando a vida não vivida – Thomas Ogden; Psicossomática Psicanalítica – Alicerces da Psicossomática Psicanalítica na Obra de Freud.

Oferecemos também o Curso de Especialização em Psicoterapia Psicanalítica com duração de dois anos. Temos a Clínica Social, herdada do serviço de atendimento de 20 anos que tínhamos, agora transformada.

Para finalizar, estamos caminhando bem, tendo como farol o desejo e a crença de estarmos envolvidos num processo necessário e potencialmente pleno de progresso. Sentimo-nos amparados pela participação do nosso *Sponsoring Committee*, composto por Gleda Brandão C.M.de Araujo e Nilde Parada Franch, e, assim, podendo nos desenvolver e crescer com muito entusiasmo.



Desenho – Sedes Sapientiae

# A transformação de um legado

## Grupo de Psicanálise de Uberaba

O Grupo Psicanálise de Uberaba (GPU) nasceu em Uberaba (MG), cidade da região sudeste do Brasil, localizada no Triângulo Mineiro, a 172 km de Ribeirão Preto, 481 km de São Paulo e 482 km da capital do estado, Belo Horizonte. O conhecimento e a transmissão da psicanálise na cidade acontecem desde a década de 70, com articulação junto aos psicanalistas membros da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP) e ao ensino universitário nos seus cursos de medicina e psicologia.

Ao longo do tempo, alguns profissionais da psicologia buscaram e ainda buscam, por intermédio das Sociedades de São Paulo, Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto (SBPRP) e Sociedade Brasileira de Psicanálise de Minas Gerais (SBPMG) e seus respectivos institutos, formação psicanalítica mais profunda e sistematizada. Hoje somos dez membros fundadores do GPU, sendo um membro efetivo com funções didáticas, três membros efetivos, quatro membros associados e dois membros filiados à SBPSP e seu Instituto Durval Marcondes.

Preocupados com as distorções engendradas no campo do saber psicanalítico, tendo em vista a proliferação de instituições não vinculadas à Febrapsi/IPA, com propostas de “formação” que não atendem aos cuidados necessários para o pleno exercício de psicanalista, buscamos aprimorar nossas ações, tendo em vista o compromisso e a responsabilidade na transmissão do conhecimento psicanalítico e da prática da psicanálise. Assim, reunimos os psicanalistas de Uberaba, cujos participantes estão vinculados aos seus respectivos Institutos e Sociedades, bem como à International Psychoanalytical Association (IPA).

Em novembro de 2019, iniciamos nosso percurso com uma primeira reunião presencial, onde pudemos compartilhar sonhos e preocupações com o futuro da psicanálise na cidade e região. A partir de então, criamos o GPU. Em razão da pandemia da COVID-19, mantivemos nossos encontros *on-line*, todas às quartas feiras, permitindo a construção de laços e projetos de divulgação, difusão e



Grupo Psicanálise  
Uberaba

ensino da psicanálise em nossa região. Solicitamos à Febrapsi orientação institucional e passamos a contar com a orientação de Gleda Brandão Araújo, Nilde Parada Franch e Zelig Liberman, cujo apoio foi fundamental para definirmos nossos objetivos futuros, ou seja, construir em Uberaba um Grupo amparado e fundamentado pelos critérios da IPA para que possamos transmitir o conhecimento psicanalítico e oferecer formação sistemática.

Com o propósito de divulgar e expandir nosso grupo, iniciamos em março de 2021 o primeiro curso de Teoria da Técnica em Psicanálise, com 28 participantes. Este curso foi destinado a psicólogos interessados em conhecer e estudar a teoria da técnica psicanalítica a partir de S. Freud, M. Klein, W. Bion, D. Winnicott, D. Meltzer, A. Green, T. Ogden, F. Tustin e outros mais. O curso aconteceu na modalidade *on-line*, quinzenalmente, por dez meses, tendo como docentes os integrantes do GPU. No início de 2022, lançamos a segunda turma do curso de teoria da técnica em psicanálise e outro curso de teoria da técnica avançada com formato de seminário clínico. Hoje, contamos com 30 alunos divididos em três turmas a mais dois grupos de supervisão clínica e trabalho de orientação junto à comunidade.

Em paralelo, nossa atuação se expandiu e ampliamos as fronteiras, participando de atividades universitárias e ligas acadêmicas, sempre que convidados. Também promovemos em 17 e 18 de setembro de

2021, com apoio da Febrapsi, uma atividade pré-congresso, denominada “O Eu e o Mundo: laços Psicanalíticos no Triângulo das Gerais”. No segundo semestre de 2022, viabilizamos duas jornadas tratando do tema psicosexualidades e, em 2023, realizamos a primeira jornada sobre adolescência: “A Adolescência no divã”. Já em 2024, fizemos nossa aula inaugural e também a jornada “Ecos do Congresso Febrapsi – O Eu com Isso”.

Foi com alegria que recebemos nossa aprovação para Grupo de Estudos da IPA no congresso internacional, cujo tema foi *Mind in the line of fire*, realizado em Cartagena, em 2023. Com o mesmo entusiasmo passamos também, em 2023, a compor o quadro das federadas junto à Febrapsi, conquista esta homologada no 29º Congresso Brasileiro de Psicanálise, cujo tema foi “O Eu com Isso: afetos em emergência”.

Seguimos sonhando, e nosso trabalho conjunto viabilizou, no início de 2024, nossa segunda aula inaugural, além da formação de um grupo de estudos sobre a obra de Green. Para o segundo semestre, teremos a segunda jornada sobre adolescência e também o Pré-congresso Brasileiro de Psicanálise, sempre apoiados pela generosidade de vários psicanalistas em nossas atividades e também dos *Sponsors* que, bem de perto, nos auxiliam em agregar forças no sentido de percorrer um caminho institucional que nos permita expandir de forma ética, fecunda e responsável um autêntico meio de formação psicanalítica.

# O Espírito Federativo

Em instituições, novas gestões são representantes de uma geração de herdeiros; elas precisam sonhar, fundar, viabilizar, interpretar, reinterpretar, ressonar, recriar (...) para senti-las como suas (Goethe/Freud). Quando um novo Conselho Diretor da Febrapsi assumiu em 2022, pensamos em fazer o “melhor”. Passado o inebriamento causado pelo soluço presunçoso, ficamos mais realistas e nos contentamos com o “suficientemente bom”.

Foi um avanço libertador. O “melhor” carrega a ideia da comparação. Entretanto, as federações, gestões, construções e congressos são indissociáveis das bases construídas pelos predecessores. Nosso objetivo passou a ser, portanto, deixar um legado que se some e contribua para a sequência do desenvolvimento da instituição. O nosso mantra repetido ao longo de dois anos foi: “As federadas mais presentes na gestão da Febrapsi e, por sua vez, ela mais presente nas federadas”.

Historicamente, nossos congressos, intercâmbios, publicações, Febrapsi Notícias, OP, Mirante, Boletim das Federadas, Podcast Associação Livre, reuniões administrativas, entre outras atividades, sempre tiveram este objetivo. Precisávamos intensificar a tendência.

Trabalhamos por Congressos inclusivos. Ainda sob a sombra da pandemia, realizamos o 5º Congresso de Psicanálise em Língua Portuguesa (CPLP), em Salvador, no modelo híbrido (presencial e por meio das plataformas digitais), facilitando a participação dos colegas da África e de Portugal. Realizamos eventos preparatórios com todas as federadas, os primeiros ainda *on-line* e, na sequência, presenciais. Esse fator foi fundamental para o número de inscritos e a sensação de que o 29º Congresso Brasileiro de Psicanálise foi construído, realizado e vivido por todos.



*Frigga, deusa da fertilidade na cultura nórdica*

Nossas produções e divulgações nas redes sociais, bem como nossos seguidores, aumentaram de maneira significativa a participação dos colegas. A identidade “Psicanalista Federada/Febrapsi/IPA” ganhou densidade e visibilidade em um ambiente marcado pela tentativa do vale-tudo nas “formações”.

Federações têm em sua base fundante a generosidade; afinal, as grandes sociedades abraçam e aderem a equidade como um valor acima de seus tamanhos, pesos e poderes. Mas, também trazem as diferenças para serem administradas e elaboradas. Algo não muito diferente do que ocorrem nas sociedades, embora com dinâmicas, tempos e representações diferentes.

As polarizações (de diversos matizes) estão entremeadas e buscam posicionamentos imediatos e inequívocos em tempos inexecutáveis. No governar (para citar uma das funções impossíveis), a continência, complacência ou procrastinação, bem como a adequada celeridade ou a impulsividade, nem sempre se apresentam com claras distinções.

Foi importante a atenção para não se cair em falsos dilemas, tais como se a clínica psicanalítica e a psicanálise implicada com as questões da comunidade e cultura disputassem pelo mesmo espaço (ou a preponderância) no coração/mente de papai ou mamãe.

O compartilhamento com a equipe e os representantes das federadas foi fundamental. Acertos, erros, reavaliações, reforços, mudanças de rumos, tensões, elaborações (...), sem perder de vista que tudo era parte do caminho, nunca um fim em si.

Entre as questões que ajudaram ao Conselho Diretor a ter a sensação, com o espelhamento da Assembleia, que o legado foi entregue, estão a sistematização de se ter um representante de cada federada nas Comissões de Infância e Adolescência, de Casal e Família, nos Conselhos e vinculados



**Hemerson Ari Mendes**

*Psiquiatra, titular da Sociedade Psicanalítica de Pelotas (SPPe) e ex-presidente da Febrapsi no biênio 2022/23*

às Diretorias, além do singelo grupo de *WhatsApp* com os presidentes das federadas, no qual as informações eram constantemente atualizadas e questões discutidas. O movimento amplificou o processo de cooperação, transparência e democratização. Objetivamente, o número de representantes das federadas implicados com algumas das interfaces da Febrapsi multiplicou-se.

Nessa esteira, foi aprovada a Comissão de Diretores de Institutos, o encaminhamento e discussão sobre investimentos em bolsas de inclusão e alguns projetos escolhidos por eventuais excedentes financeiros gerados em Congressos.

Agradeço aos colegas que compuseram o Conselho Diretor, aos presidentes, delegados e representantes das federadas, aos funcionários e colaboradores. Todos viabilizaram que o discurso de posse pudesse ser literalmente repetido no momento da transmissão para o novo Conselho.

O espírito federativo, no sentido sensorial, imaginativo, afetivo, intelectual e ético, é, essencialmente, semelhante a todas as relações que sustentam e nos tornam melhores, apesar de carregarem potencial conflitivo.

Simbolicamente, homenageio a memória da colega Ceres Tavares, psicanalista da SPPe, recentemente falecida. Ela foi uma inspiração de/a vida. Poucos dias antes do 29º Congresso, emocionou-me ao se desculpar por estar sem condições físicas para estar presente. O ambiente para o desenvolvimento pessoal e institucional também são decorrentes do aquecimento de estrelas que já apagaram (legados), mas seguem iluminando e aquecendo pessoas que, não raro, surgiram após as suas mortes.

Imagino que todos, nas respectivas instituições, tenham registros de deusas da fertilidade, inspiradoras(es) na busca de legados, em detrimento da luta por etéreos e circunstanciais períodos de poder.

Gracias!

# O Eu com o Isso: afetos em emergência - um exercício federativo

O 29º Congresso Brasileiro de Psicanálise, realizado entre o período de primeiro a quatro de novembro de 2024, em Campinas, São Paulo, aconteceu em um clima de satisfação pelo encontro presencial, após a pandemia da Covid-19. Encontro de abraços, apertos de mãos; de reuniões não mais por meio das telas, mas ao redor das mesas das reuniões científicas e dos vários locais de confraternização.

O trabalho de gerações de psicanalistas dedicados ao exercício clínico da psicanálise, ao estudo das teorias psicanalíticas, à organização de entidades federadas e às ações junto à comunidade permitiu a construção da Febrapsi e tornou possível chegarmos ao 29º Congresso Brasileiro de Psicanálise.

Um evento dessa magnitude não se constrói sem um olhar para o futuro. E foi com esse olhar que, em abril de 2022, momento ainda instável da pandemia, realizamos, no Rio de Janeiro, a tradicional reunião do Conselho Científico, composto pelos diretores científicos das federadas. O produtivo debate gerou o tema “*O Eu com isso: afetos em emergência*”. A atmosfera agradável da reunião consolidou a intenção que vicejava na diretoria: a realização do congresso presencial.

“*O Eu com isso: afetos em emergência*” é uma referência à contemporaneidade (tempo de afetos que emergem, levando a situações de emergência) e também uma homenagem ao centenário de *O Eu e o Isso* (ou *O Ego e o Id* das primeiras traduções da obra de Freud). É um texto inaugural da teoria estrutural e relacionado à nova concepção pulsional, inserindo outros elementos constitutivos de caráter enigmático na descrição do aparato psíquico.

Artigo fundamental da obra freudiana, *O Eu e o Isso* é parte do movimento denominado por André Green de “O Giro dos anos 20”, no qual Freud fez inúmeras transformações em sua obra levado pelas vivências da guerra e a percepção dos fracassos na clínica.

Com a admirável capacidade de repensar as próprias ideias e propor novas formulações, em *O Eu e o Isso*, Freud apresenta um novo modelo tripartite da mente, a teoria estrutural: o Isso, a sede das pulsões, com seu potencial permanente de energia desligada esperando por uma representação; o Eu que passa a ser descrito como tendo também uma parte inconsciente, a qual se mostra resistente e nem tão colaboradora do tratamento; e o Supereu, fruto da identificação com os pais, portador das leis básicas que deram origem à civilização.

A amplitude do texto pode ser constatada na variedade dos temas abordados durante o evento. Cabe salientar a tradição participativa em nossos congressos: uma vez mais a totalidade da agenda foi organizada a partir das proposições enviadas de forma entusiasmada pelos membros de todas as federadas.

Entre julho de 2022 e outubro de 2023, as dezoito federadas, localizadas em quinze cidades, e também a Associação Brasileira de Candidatos (ABC), realizaram eventos preparatórios, sendo quatro *on-line* e 12 presenciais. Essa jornada de preparação do Congresso reforçou o caráter federativo da Febrapsi.



**Zelig Libermann**

Psiquiatra, analista didata da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA) e diretor científico da Febrapsi em 2022-2023

A Febrapsi e a Sociedade Brasileira de Psicanálise de Campinas (SBPCamp), federada anfitriã, trabalharam intensamente para oferecer aos psicanalistas de todo o país, bem como aos profissionais de áreas afins e estudantes universitários, um encontro que se mostrou rico em experiências científicas, culturais e sociais.

A visão pluralista da psicanálise brasileira se materializou na colaboração de todas as federadas e seus membros. As propostas de atividades enviadas (que refletem a amplitude do movimento psicanalítico de nossa Federação) foram bem recebidas pelos congressistas, aceitação esta que se refletiu nos debates com a presença maciça dos participantes nas 16 salas simultâneas que funcionaram ao longo do Congresso.

Esperamos que a experiência vivida em Campinas se constitua em um estímulo para nos reencontrarmos no próximo Congresso que ocorrerá em 2025, em Gramado, no Rio Grande do Sul.

Até breve!



Publicação da Organics News Brasil



# Diretoria do Conselho Profissional da Febrapsi

A Psicanálise encontra-se intimamente relacionada com a sociedade contemporânea e com a cultura. No exercício de nossas funções, nos compete mostrar ao público em geral como pensamos o ensino, a formação e a transmissão dentro das nossas federadas vinculadas à Febrapsi e à IPA.

Neste cenário, tem ocorrido o aumento de cursos de bacharelados em Psicanálise, sendo que já existem 11 na modalidade de ensino à distância e um presencial. Ressaltamos a importância da função da Diretoria do Conselho Profissional na divulgação dos nossos

princípios formadores juntamente com o Movimento Articulação, com sua pluralidade de instituições psicanalíticas, com o intuito de vir a público para defender e esclarecer o lugar da psicanálise no nosso país, principalmente junto ao Ministério da Educação e Cultura.

Ao longo da história da psicanálise existiram momentos como este, nos quais se tornou necessário retomar os fundamentos que especificam e particularizam a psicanálise em relação a outros campos do saber e da prática, numa luta vigilante pela singularidade de seus propósitos e de sua ética.

Este cenário dos bacharelados de psicanálise em universidades, onde ingressam por volta de 13 mil alunos por ano, sejam eles vinculados às instituições religiosas ou às instituições cujo o único objetivo é de cunho econômico, mostra a força política de tais instituições.

As consequências são preocupantes, pois muitos dos cursos se propõem à profissionalização da psicanálise de forma a simplificar a formação, levando ao esvaziamento do investimento necessário para o exercício do nosso ofício.

## CONSELHOS, FEDERADAS E PRESIDENTES

### CONSELHO DIRETOR

Presidente: Luiz Celso Toledo

Secretária Geral: Daniela Bormann Vieira

Tesoureira: Ana Cláudia Zuanella

Diretora do Conselho de Coordenação Científica: Ana Clara Gavião

Diretora do Conselho Profissional: Renata Arouca de O. Morais

Diretor de Publicações e Divulgação: Silvana Marta S. Torres

Diretora de Comunidade e Cultura: Josiane Barbosa de Oliveira

Diretora Superintendente: Maria Lúcia M. de Carvalho

Secretária do Cons. de Coord. Científica: Susana Chinazzo

### ADMINISTRAÇÃO

Gerente Administrativo Financeiro: Lúcia Boggiss

Analista de Comunicação: Taís Maia

### REVISTABRASILEIRADEPSICANÁLISE

Editor: Cláudio Castelo Filho

Editora Associada: Elsa Vera Kunze Post Susemihl

### CONSELHOCIENTÍFICO

Diretora: Ana Clara Gavião

Secretária do Cons. de Coordenação Científica: Susana Chinazzo

SBPSP: Ana Maria Stucchi Vannucchi

SPRJ: Daniela Bormann Vieira

SBPRJ: Marina Magalhães L. Miranda

SPPA: Marli Bergel

SPRPE: Sandra Paraíso Sampaio

SPBsb: Daniela Yglesias de Castro Prieto

SBPdePA: Janine Maria de Oliveira Severo

SPPe: Eduardo Brod Méndez

SBPRP: Luciana Marchetti Torrano

APERJ-Rio4: Rosa Maria Raposo de Almeida Albé

SPMS: Joelma Dibo Victoriano

SBPMG: Sandra Bulhões Cecilio

SPFOR: Rosane Muller Costa

SBPCampinas: Adriana Maria Nagalli de Oliveira

SBPG: Andréia Lobo Costa Campos de Melo

SBPC: Andreas Linhares

GEP Rio Preto e Região: Helyny S. Scrocchio Romero

GEP-SC: Ana Maria Maykot Prates Michels

GEP-Marília e Região: Cacilda Grama Pompilio Vilas Boas

Grupo de Uberaba: Lídia Queiroz Silva Magnino

### DELEGADOS

Carmen C. Mion, Marta Foster, Roberto Santoro Pires de C. Almeida, Rosa Maria Carvalho Reis, Ruth Naidin, Marina Magalhães Leitão Miranda, Kátia Wagner Radke, Iara Lurdes Lucchese Wiehe, Carolina Cavalcanti Henriques, Sandra Paraíso Sampaio, Mirian Elisabeth Bender Ritter de Gregório, Roberto Calil Jabur, Patricia Rivoire Menelli Goldfeld, Denise Zimpek Pereira, Beatriz Hax Sander, Christine Marques Castro Vinhas, Mônica Bitar Santamarina Araújo, Marystella Carvalho Esbrogeo, Luciana Ferraz Bocayuva, Gleda Brandão Coelho Martins de Araujo, Paula Francisca Andrade Mittelstaedt, Gisèle de Mattos Brito, Patricia Gomes Figueira, Karina Rodrigues Bernardes, Regina Célia Cardoso Esteves, Nelson José Nazaré Rocha, Cláudia Cristina Antonelli, Maristela Nunes Pinheiro, Jane do Carmo Moura Fabian, Solange Luiz Caldas dos Santos, Marina Vidal Stabile, Osvaldo Luis Barison, Sueli Barison, Gládis Elaine Carnieletto Garcia, Fabio Firmino Lopes, Cibele Maria Moraes de Battista Brandão, Cassia Teixeira Asséf, Luís de Paiva Silva, Denise Léa Moratelli

### PRESIDENTESDASFEDERADAS

Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP) - Carmen C. Mion

Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (SPRJ) - Roberto Santoro Pires de C. Almeida

Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ) - Ruth Naidin

Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA) - Kátia Wagner Radke

Sociedade Psicanalítica de Recife (SPRPE) - Carolina Cavalcanti Henriques

Sociedade de Psicanálise de Brasília (SPBsb) - Mirian Elisabeth Bender Ritter de Gregório

Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre (SBPdePA) - Patricia Rivoire Menelli Goldfeld

Sociedade Psicanalítica de Pelotas (SPPel) - Beatriz Hax Sander

Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto (SBPRP) - Mônica Bitar Santamarina Araújo

Ass. Psicanalítica do E. do Rio de Janeiro (APERJ-Rio4) - Luciana Ferraz Bocayuva

Sociedade Psicanalítica do Mato Grosso do Sul (SPMS) - Gleda Brandão Coelho Martins Araújo

Soc. Brasileira de Psicanálise de Minas Gerais (SBPMG) - Gisèle de Mattos Brito

Soc. Psicanalítica de Fortaleza (SPFOR) - Karina Rodrigues Bernardes

Soc. Brasileira de Psicanálise de Campinas (SBPCampinas) - Nelson José Nazaré Rocha

Soc. Brasileira de Psicanálise de Goiânia (SBPG) - Maristela Nunes Pinheiro

Grupo Psicanalítico de Curitiba (GPC) - Solange Luiz Caldas dos Santos

Grupo de Estudos de Psicanálise de S. J. do Rio Preto e Região (GEP Rio Preto e Região) - Osvaldo Luis Barison

Grupo de Estudos Psicanalíticos de Santa Catarina (GEP-SC) - Gládis Elaine Carnieletto Garcia

Grupo de Estudos Psicanalíticos de Marília e Região (GEP Marília e Região) - Cibele Maria Moraes de Battista Brandão

Grupo Psicanalítico de Uberaba (GPU) - Luís de Paiva Silva

### NÚCLEOS PSICANALÍTICOS

Núcleo Psicanalítico de Maceió

Núcleo Psicanalítico do Espírito Santo

Núcleo Psicanalítico de Salvador

Núcleo de Psicanálise de Uberlândia

### PUBLICAÇÕES

Revista Brasileira de Psicanálise - <http://rbp.org.br/>

Jornal Febrapsi Notícias - <https://febrapsi.org/febrapsi-noticias/>

Observatório Psicanalítico  
<https://febrapsi.org/publicacoes/jornal-do-observatorio-psicanalitico/>

Mirante - O Podcast da Febrapsi  
[https://febrapsi.org/project\\_category/mirante/](https://febrapsi.org/project_category/mirante/)

Podcast Associação Livre - Febrapsi  
<https://open.spotify.com/show/5y5g9scGWNIB2eZMFmbp2a>

Boletim das Federadas  
<https://febrapsi.org/boletim-das-federadas/>

Vídeos de encontros e palestras sobre psicanálise  
[https://www.youtube.com/channel/UCmUs0eVqnluYpjrUYXcp\\_Aw](https://www.youtube.com/channel/UCmUs0eVqnluYpjrUYXcp_Aw)